

Dramaturgia das Pedras



ROTA DO
ROMÂNICO



PALCOS
DO
ROMÂNICO

2014



PALCOS
DO ROMÂNICO

Dramaturgia
das
Pedras

Editorial	9
Prefácio	11
O abrigo, o doce e o porco ANA MOREIRA	13
Ponte de Amarante ANTÓNIO PARRA	25
Breve enunciação dos crimes dos homens GONÇALO AMORIM	39
Roda do Mosteiro Velho ou Centre Culturel Transdisciplinaire du Mosteiro do Românico JORGE LOURAÇO	49
O caminho das pedras JORGE PALINHOS	87
A Santa MARTA FREITAS	97
Apontamentos para uma nova área MICKAËL DE OLIVEIRA	111

Um legado dramático para a Rota do Românico

A edição que o leitor passa agora a folhear parte do estímulo criativo da dinâmica dos Palcos do Românico. O embrião do conjunto de dramaturgias que aqui se reúne em livro, sob a forma de peças curtas de diversos autores portugueses, nasceu em contexto de residência artística, numa junção de autores, encenadores e atores que se revelou, tal como as expectativas iniciais o vieram a (com)provar, o meio propício à reflexão, debate e sobretudo o mote inspirador para a conceção textual.

Vivenciar esta experiência em conjunto, e em tempo real, do ato de criação, redundou num contributo essencial para fortalecer e potenciar o trabalho individual de cada um dos criadores envolvidos. E se o desafio de escrita dramática tinha como ponto de partida, e também de chegada, o Palcos do Românico, a posterior representação das peças por estruturas e companhias no território da Rota do Românico será o maior dos anseios a concretizar.

Tudo isso fazia sentido em termos de abordagem, até porque foi da genética ancestral da Rota do Românico que resultou essa duplicidade, corporizada no património material e imaterial, afinal a matéria de passado, presente e futuro. E foi precisamente tendo por base essas duas dimensões do património que os autores alimentaram a prosa teatral. Se ler é o melhor remédio, representar é a melhor das catarses.

ROSÁRIO CORREIA MACHADO
Diretora da Rota do Românico

Esta edição reúne peças curtas de diferentes dramaturgos portugueses, especialmente escritas para o Palcos do Românico.

A atividade de escrita acontece em contexto de residência artística, onde os diferentes autores, encenadores e atores se juntam, fazendo com que a criação e a experimentação de textos para cena aconteça.

A experiência conjunta, em tempo real, do ato de criação, contribui para muscular e potenciar o trabalho individual de cada um dos criadores envolvidos.

O exercício que teve por base o desenvolvimento destas peças foi o património material e imaterial da Rota do Românico.

MARTA FREITAS

Mundo Razoável – Associação Cultural

NUNO M. CARDOSO

O Cão Danado e Companhia – Associação Cultural

O abrigo, o doce e o porco


ANA MOREIRA

Personagens

EMÍLIA tem 18 anos, trabalha ao fim de semana no café da família.
ANTÔNIO, homem da terra, robusto, de mãos grandes e marcadas pelo trabalho.

SR. INÁCIO, velho desconfiado, sempre de chapéu de feltro.

Os três amigos de **RAFAEL**, jovens da aldeia:

DANIEL

RUSSO

VICENTE

RAFAEL, o jovem rapaz da aldeia é popular entre os amigos e as raparigas.

As **SETE DOCEIRAS**

O Café Abrigo, situado à beira da ponte, fica próximo de Caldas de Aregos e permanece numa das mais belas paisagens na margem sul do rio Douro. Funciona como ponto de encontro e convívio para os habitantes das várias aldeias em redor. Desde miúda que Emília costuma ajudar a família no café, é a sua segunda casa. Mas hoje de manhã, Emília esqueceu-se de colocar os ganchos no cabelo, de o prender de forma a não atrapalhar o serviço.

Ela sai de casa a correr e, apesar do frio e da chuva, esquece-se de vestir o casaco ou de levar um chapéu de chuva para se proteger. De casa até ao café é só atravessar a ponte, mas Emília chega atrasada. À porta do estabelecimento já se encontram dois clientes que esperam para entrar.

Emília, com os cabelos soltos e molhados sobre o rosto e ombros, abre a porta.

EMÍLIA: Olá, bom dia! Desculpem-me o atraso, senhores...!

ANTÓNIO: Não te preocupes rapariga, um pouco de chuva também não faz mal a ninguém.

SR. INÁCIO: Prepara-te miúda, que isto hoje promete!

Entram todos no café que está ainda por arrumar. EMÍLIA começa a tratar de repor o stock de copos e garrafas, limpar as mesas, aprontar as cadeiras, acender as luzes, a televisão e varrer o chão enquanto ANTÓNIO e SR. INÁCIO aproveitam para sentar.

ANTÓNIO: É melhor secares o cabelo, ainda te constipas... E é melhor amarrá-lo, fazer um rabo-de-cavalo, um apanhado, uma trança. Prendê-lo bem!

EMÍLIA: Oh! Deixe estar, agora não tenho tempo. Há mais gente a chegar, tenho é que adiantar serviço. Isto seca num instante! Então e o que vai ser? Dois cafezinhos, uma pinguça para aquecer?

Sentados na mesa, ANTÓNIO e SR. INÁCIO olham para EMÍLIA sem responder. Ela, muito ágil e despachada, faz tudo ao mesmo tempo, arruma, limpa, serve os cafés e dois copos de aguardente que leva até eles numa pequena bandeja. Entram, barulhentos e animados, RAFAEL, seguido dos seus amigos DANIEL, VICENTE e o RUSSO, que é mesmo da Rússia.

DANIEL: Menina... Ei menina! Serve aí um copo de vinho p'ra mim e aqui para os meus amigos. Do bom!

DANIEL, VICENTE e RUSSO ficam de pé junto ao balcão. **RAFAEL** fica na esquina do mesmo. Olham por cima do ombro para a mesa onde **ANTÓNIO** e **SR. INÁCIO** estão sentados. Cruzam-se olhares.

RUSSO: Eta pravda [é verdade], isto hoje promete...!

EMÍLIA traz a garrafa de vinho e os copos para cima do balcão; começa a servir.

EMÍLIA: Ora aqui está, do bom! Mas tão cedo por aqui? Vão começar já o torneio de matraquilhos?

VICENTE: Nada disso, hoje é dia de festa!

DANIEL: Hoje é dia de cavacas!

RUSSO: Dia do porco!!!

Brindam entre eles, exceto RAFAEL que está na esquina do balcão a olhar fixamente para EMÍLIA. SR. INÁCIO tira o chapéu de feltro e bate o copo sobre a mesa. Silêncio, os olhares entre ANTÓNIO, SR. INÁCIO, RAFAEL, DANIEL, VICENTE e RUSSO cruzam-se novamente.

RAFAEL: O que fizeste ao teu cabelo, Emília?

EMÍLIA: ...Nada. Não fiz nada.

VICENTE: Oito ovos e sete gemas!

RUSSO: 750 gramas de açúcar!!

DANIEL: 280 gramas de farinha!

SR. INÁCIO: Filha, chega-te aqui!

EMÍLIA *sai de trás do balcão e vai até à mesa.*

SR. INÁCIO: Hoje fechas mais cedo e vens connosco.

EMÍLIA: Como? Não posso sair daqui, Sr. Inácio, sabe disso.

SR. INÁCIO: Podes sim, pois hoje chegam as doceiras! Elas descem das outras aldeias até à nossa, trazem com elas toalhas de renda para estender junto ao rio, cestos cheios de cavacas para provar e o ar fica a cheirar a doce, a farinha e açúcar. Tens de vir, és nossa convidada.

RAFAEL, DANIEL, VICENTE e RUSSO, *encostados ao balcão, ouvem a conversa.*

RAFAEL, DANIEL, VICENTE e RUSSO: E depois às 17h, o porco!

EMÍLIA: Ai, não sei do que estão a falar, mas não posso sair daqui. Precisam de mim para tomar conta do café.

RAFAEL: Mas vem Emília, nós também vamos lá estar. Aliás, se preferires, podes vir connosco em vez de... Olha, até te compro uma cavaca, toda só para ti! Anda!

ANTÓNIO: Nada disso, o convite foi feito aqui pelo meu amigo e ela irá na nossa companhia! É mais certo assim.

DANIEL: Está bem, ela vai. Mas Emília, chega aqui, quero-te contar uma coisa primeiro.

EMÍLIA *volta para trás do balcão. Pega num pano, limpa a bancada, serve outro copo de vinho a DANIEL.*

DANIEL: Sabes o que são essas doceiras que vêm de Vinhós, de Resende

e de outras terras? Sabes que o que elas trazem para estender não são as toalhas de renda? São os vestidos das filhas que não casaram. Que não casaram porque a peste as levou. A elas e aos noivos no mesmo dia! As mães que pediram às doceiras para fazer o bolo de casamento, que depois ninguém comeu, conservaram o linho imaculado das filhas em calda de açúcar.

VICENTE: Se fores demasiado gulosa a peste leva-te, como às noivas!

EMÍLIA: Que disparate, não me contem essas coisas, não quero ter pesadelos! Que horror...

SR. INÁCIO e ANTÓNIO levantam-se da mesa. Deixam algumas moedas para pagar.

SR. INÁCIO: Agora vamos, mas daqui a umas horas voltamos para te vir buscar. Descansa, que hoje não vem aqui mais ninguém, podes fechar a loja.

RAFAEL: Nós também vamos. Paga aí Daniel!

VICENTE: Emília, esperamos por ti mais logo.

Saem todos, EMÍLIA fica sozinha. Começa a arrumar os copos que ficaram sobre a mesa e o balcão. Espera, não entra mais ninguém. Anda de um lado para o outro. Espera mais um pouco, ninguém entra. Arruma mais um pouco. Está tudo limpo e arrumado. Espera sozinha. Faz um lanche e senta-se numa das mesas a comer e a ver televisão. Aumenta o som, vê o telejornal da tarde. Acaba de comer e deixa-se adormecer sobre a mesa. SR. INÁCIO e ANTÓNIO regressam ao café, entram e ficam junto à porta. EMÍLIA ainda dorme.

ANTÓNIO: Vamos Emília, acorda rapariga.

SR. INÁCIO: Temos de ir, passa das 17h. Já começou, e é quase noite!

EMÍLIA abre os olhos e levanta-se.

EMÍLIA: Está bem... Estou a ir! Deixem-me só apagar as luzes e fechar a porta. É preciso levar alguma coisa para a festa?

SR. INÁCIO: Só precisamos de ti.

*Saem todos. O café fechado, as luzes apagadas. Na escuridão permanece aceso um néon laranja na parede atrás do balcão que diz Café Abrigo. Mas a letra C está fundida por isso lê-se “afé Abrigo”. Pequena clareira no meio da floresta, perto do rio. Ao longe, o som da água, o ar está envolto numa fina neblina que não é exatamente nevoeiro. Mais acima, na montanha, ainda se percebe um pouco da aldeia, ainda se consegue ver a grande cruz luminosa que assinala a torre da igreja. **SR. INÁCIO** e **ANTÓNIO** caminham silenciosos, sem pressa. **EMÍLIA** segue-os atenta ao caminho, às árvores, ao céu e à noite. O nevoeiro, cada vez mais denso, mais branco e, de alguma maneira, mais luminoso. Atrás do nevoeiro desenha-se a figura de sete mulheres. Cantam uma ladainha qualquer que não se percebe. Vêm carregadas com cestas, doces, panelas. Sobre as grandes pedras que ali há fazem a mesa, uma montra para estender as toalhas, colocar os bolos, a bebida, as cavacas. Com movimentos ágeis e coordenados, abrem as grandes toalhas de linho que soltam um pó branco para o ar, compõem e decoram a mesa com a comida, as rendas e flores. Chegam **RAFAEL**, **DANIEL**, **VICENTE** e **RUSSO**, as **DOCEIRAS** chamam-nos para lhes oferecer os doces e encherem os copos. Uma delas traz ao colo um bacorinho embrulhado como um bebé humano. Põe-nos nos braços de um dos rapazes e todos se aproximam para ver o animal. Tratam-no como uma criança, fazem-lhe festas, riem-se e passam-no para o colo uns dos outros.*

DANIEL: Este ano é uma menina!

VICENTE: Prekrasnaya devochka! [menina bonita!] Gayka, gayka, gayka! [porca, porca, porca!].

SR. INÁCIO e **ANTÓNIO** agarram em **EMÍLIA**, colocam-na, de repente, de gatas. **RAFAEL**, **DANIEL**, **VICENTE** e **RUSSO**, por sua

vez, trazem o porco e põem-no no chão de frente para EMÍLIA. Esta não oferece resistência e observa o animal.

EMÍLIA: Sou bonita e isso é mau. Não afasta a crueldade para longe, pelo contrário, faz de mim um alvo. Estes homens, estes rapazes, estas mulheres, querem-me trincar ao meio, querem-me engolir, encher as suas barrigas com o meu corpo, ficar com o meu cheiro nos dedos e nas suas bocas para se lamberem. O meu cabelo está solto. O café ficou vazio. O desejo deles vai-me matar. A beleza é para ser consumida, devorada, canibalizada. Não porque gostem, mas porque têm de a gastar. Os vestidos de noiva embalsamados estão velhos, estragados e sem promessas. Os doces cheiram mal, cheiram a nojo. Está tudo apodrecido nas suas vidas e precisam de mim para se sentirem melhor.

Uma das doceiras sobe para cima de EMÍLIA, faz-lhe uma trança e agarra-a com força como se estivesse a segurar uma trela. RAFAEL, DANIEL, VICENTE e RUSSO riem, gozam e começam a grunhir, a imitar o som do porco. ANTÓNIO e SR. INÁCIO olham paralisados, sentem-se assustados, mas, ao mesmo tempo, excitados. Outra doceira agarra-se a RAFAEL, começa-lhe a tocar o sexo. VICENTE junta-se a eles, excitam-se sem nunca tirar os olhos de EMÍLIA e do porco.

EMÍLIA: Deem-me a vossa melhor faca. Eu mato. Deem-me a melhor, a que rasga mais rápido. Eu faço. Para que não vos mate a vocês!

DANIEL: Isso, isso, Emília! É tão bom...!

Trazem a faca. A doceira iça EMÍLIA pelos cabelos e segura-a, enquanto o porco é atado e içado por uma corda. A faca é posta nas mãos de EMÍLIA. Esta, com toda a força, espeta-se três vezes no peçoço. Todos ficam imóveis e em silêncio com um largo sorriso nos lábios.

Ponte
de
Amarante

ANTÓNIO PARRA

Personagens

MAXIMUS

AUGUSTUS

Cena escrita em latim e traduzida do original para português pelo autor. A tradução tentou ser o mais fiel ao sentido do texto, porém, houve alguns jogos de palavras que se perderam, devido ao facto de certas palavras proferidas pelos legionários já não fazerem parte do nosso léxico.

Cena passada em Amarante, no local onde, 1250 anos depois, São Gonçalo reconstruiria a ponte que hoje conhecemos, que atravessa o rio Tâmega. Neste momento apenas podemos ver uma estrada romana que termina no rio. Dois legionários guardam esse ponto em que as obras foram interrompidas, em silêncio. Augustus estica as costas.

MAXIMUS: Que cara é essa?

AUGUSTUS: Não ando a dormir nada bem.

MAXIMUS: Por causa do frio?

AUGUSTUS: Talvez. E da chuva.

MAXIMUS: Isto esta semana não para... Até já sinto humidade dentro dos ossos...

AUGUSTUS: E estas sandálias também não ajudam. Ovi dizer que os nossos colegas destacados na zona da Bavária usam botas de pele de lobo... E nós aqui de sandálias. Devem pensar que estamos em Cartago.

MAXIMUS: Eles dizem que amanhã é capaz de fazer sol.

AUGUSTUS: Ah, isso tem piada. Eles e o que eles dizem.

MAXIMUS: Eles o quê?

AUGUSTUS: Eles! Estás para aí a dizer que “eles” dizem que amanhã vem sol.

MAXIMUS: Por Baco, bebeste demais ao almoço. Sabes muito bem que estou a falar deles, dos sábios, os que preveem o tempo.

AUGUSTUS: Eu sei que são eles quem prevê o tempo! Mas achei piada à coisa dos “eles”. Imaginei um clube onde eles se reúnem para prever o tempo. “Os Eles - Associação Cívica e Cultural”.

MAXIMUS: Por Minerva, és estúpido tu, legionário. Pois nunca viste um sábio a prever o tempo? É fascinante. O modo como olham para o céu, como usam aquelas pedrinhas e os artefactos todos. Aquilo tem o seu quê de misterioso.

AUGUSTUS: Oh. E as vezes que eles se enganam? Eu não acredito nisso.

MAXIMUS: Tu acreditas em quê, afinal?

AUGUSTUS: Na humidade dos meus pés. (*Pausa.*) E, por Vénus, na beleza de Madalena.

MAXIMUS: Quem?

AUGUSTUS : Pois não estou farto de te falar de Madalena? A camponesa que mora não muito longe daqui. Aquela que eu admiro há meses e à qual aspiro doces sentimentos de ternura, de amor, de amizade, de afeição...

MAXIMUS: Isso existe?

AUGUSTUS: O quê?

MAXIMUS: Isso que disseste?

AUGUSTUS: O quê?

MAXIMUS: Sobre Madalena?

AUGUSTUS: O quê?

MAXIMUS: “À qual aspiro doces sentimentos...”, isso existe? Gramaticalmente, quero eu dizer.

AUGUSTUS: Ah... penso que sim. Não sei. Não me espanta que não

exista, uma vez que quando falo de Madalena o racional fica ébrio e disforme, pois a luz que o mundo emana ofusca-me os sentidos e torna-me a vista turva. E é como se Cupido se tornasse meu aliado e cavalgássemos juntos às costas de um ser alado com o intento de a conquistarmos.

MAXIMUS: Estás um poeta, por Febo.

AUGUSTUS: Estou é apaixonado, por deus.

MAXIMUS: Qual deus?

AUGUSTUS: Por todos.

Silêncio.

MAXIMUS: O que é que estamos aqui a fazer, afinal?

AUGUSTUS: À espera.

MAXIMUS: À espera de quem?

AUGUSTUS: Do arquiteto.

MAXIMUS: Ah. De Caio. Claro, já me esquecia. E o que é que ele vem mesmo aqui fazer? Ver a estrada?

AUGUSTUS: Pelo que parece vem mostrar o sítio a um nome grande lá do Senado.

MAXIMUS: O Senado aqui? Na província?

AUGUSTUS: Sim. Pelo que parece um senador qualquer está de férias aqui perto. Em Bracara Augusta. E vem cá ver o espaço. Ver se aprova a construção.

MAXIMUS: Da estrada.

AUGUSTUS: Não. Do templo novo.

MAXIMUS: Vão construir um templo novo aqui?

AUGUSTUS: Ontem na taberna ouvi dizer que sim.

MAXIMUS: Em honra a que deus?

AUGUSTUS: A um novo. Parece que há uma religião nova lá para os lados de Roma. Que vem de oriente. Disseram-me ontem que é a religião do Deus dos deuses. O Cristianismo.

MAXIMUS: E como é que se chama esse Deus dos deuses?

AUGUSTUS: Acho que é Deus. Só.

MAXIMUS: Oh, por Júpiter, tem que ter um nome!

AUGUSTUS: Acho que é só Deus. Foi o que percebi ontem.

MAXIMUS: Não acredito.

AUGUSTUS: Também não sei. Mas foi isso que percebi ontem.

MAXIMUS: Espera. Se é o Cristianismo, esse deus deve-se chamar... Cristiano.

AUGUSTUS: Eu acho que é mesmo só Deus.

MAXIMUS: Isso não faz muito sentido.

AUGUSTUS: Pronto, mas isso não interessa. O que interessa é que vão construir aqui uma igreja.

MAXIMUS: Um templo?

AUGUSTUS: Não. Uma igreja é o nome que se dá a um templo em homenagem a esse Deus.

MAXIMUS: Em homenagem a Cristiano?

AUGUSTUS: Não, a Deus.

MAXIMUS: Talvez possas casar com a tua amada nessa igreja nova!

AUGUSTUS: Olha, estás a ver? Tens razão! Talvez isso da igreja nova até possa vir a ser bom para mim. É que eu... mais dez anos... faço trinta e oito... e depois... reforma! Férias! Com uma mulher, uma quinta, alguns escravos, enfim... paraíso terrestre, por Jano! Uns ciprestes, uma quadriga para passear nas férias...

MAXIMUS: Para passear nas férias do quê? Das férias?

AUGUSTUS: Oh, então... Da lavoura doméstica!

MAXIMUS: E não é para isso que queres os escravos?

AUGUSTUS: Tens razão. Estou distraído.

Silêncio.

MAXIMUS: Por Cristiano, o que ficava bem aqui era uma ponte. Não era? Podiam fazer uma ponte aqui, em vez de uma igreja. Dava mais jeito.

AUGUSTUS: Uma ponte em homenagem a Deus?

MAXIMUS: Não cidadão, uma ponte para passarmos o rio. Dava mais jeito do que uma igreja. Estou só a dizer. Não precisaríamos

de andar sempre de barca de um lado para o outro.

AUGUSTUS: E depois onde é que eu casava?

MAXIMUS: Oh, e tu sabes lá se vais casar aqui? Templos são o que não falta por aí...

AUGUSTUS: Por Discórdia, se vou casar com Madalena, vou casar onde? Em Creta?

MAXIMUS: E é certo que vais casar com ela? Que eu saiba não estás comprometido. Ela sabe ao menos quem tu és?

AUGUSTUS: Sim. Já a visitei uma ou outra vez.

MAXIMUS: E ela recebeu-te bem?

AUGUSTUS: Muito bem. Deram-me de comer e não me pareceu que fossem abastados. Eu penso que me têm medo.

MAXIMUS: Têm? Ela e quem?

AUGUSTUS: Ela e o marido.

MAXIMUS: Ela tem marido?!

AUGUSTUS: Sim.

MAXIMUS: E vais casar com ela?!

AUGUSTUS: Então! Se eu a amo!

MAXIMUS: Mas ela já está casada!

AUGUSTUS: Mas já decidi matar-lhe o marido! Está resolvido. Já tenho um plano e tudo.

MAXIMUS: Ah. Isso é diferente. Assim está bem.

AUGUSTUS: Uma punhalada nas costelas e acabou-se o seu sofrimento.

MAXIMUS: O sofrimento dela?

AUGUSTUS: O dele.

MAXIMUS: Mas ele está doente?

AUGUSTUS: Que eu saiba não.

MAXIMUS: Então onde foste buscar a ideia de que ele está a sofrer?

AUGUSTUS: Não está porque ainda não sabe que vai morrer. Senão nem dormia.

MAXIMUS: Mas paremos um pouco para refletir. E ela?

AUGUSTUS: O que é que tem?

MAXIMUS: Vais matar-lhe o marido? Que ela ama?

AUGUSTUS: Amar-me-á mais a mim.

MAXIMUS: E quando pensas matá-lo?

AUGUSTUS: Essa é a parte que ainda não resolvi. Para ser sincero, esta história de o seu destino estar às minhas mãos atormenta-me um bocado, pela Fortuna. E há já várias noites que não durmo bem. Mas esta coisa da igreja nova até me deu um novo alento. Poderia até fazer os rituais fúnebres do seu defunto marido na mesma igreja onde, de seguida, me casarei com ela!

MAXIMUS: Isso é um bocado...

AUGUSTUS: Prático.

MAXIMUS: Mórvido.

Silêncio.

AUGUSTUS: Só se... É isso! Já sei Maximus! Vamos sugerir ao arquiteto, quando ele chegar, a construção de uma ponte nova aqui. Certo? Se ele decidir que se faz uma igreja, levo avante o meu plano e matarei o marido de Madalena. Se ele quiser, por sua vez, construir uma ponte, de acordo com a nossa sugestão, desisto do meu intento.

MAXIMUS: Abandonarás Madalena?!

AUGUSTUS: Sim. Deixo a sua vida nas mãos dos deuses.

MAXIMUS: O arquiteto Caio é um deus agora?

AUGUSTUS: Neste assunto é. Sem ele saber, vai decidir a vida de três pessoas. Por Lares, faz todo o sentido que a Fortuna decida qual o padrinho do meu casamento com Madalena. Se a Discórdia se a Concórdia. O que me disseste pôs-me a refletir e creio que farei Madalena infeliz ao matar-lhe o marido, como dizes. Eu acredito que ela seria mais feliz depois, como minha esposa. Mas há sempre a hipótese de tal não acontecer. Ora, se eu a amo, não quero que ela derrame uma lágrima que seja. Como tal, tomei a decisão de deixar que os deuses decidam se o nosso amor tem espaço neste tempo e neste mundo. A possibilidade de tornar um minuto que seja da longa vida de Madalena num tormento é, aos meus olhos, intolerável. Uma ofensa à minha natureza, sensata e bondosa. Assim, fico muito feliz por saber que a felicidade de Madalena não depende de mim, mas da oferta que os deuses nos fizerem. Isso tira-me um grande peso de cima e é, para mim, uma prenda que tornará este dia memorável. Glorificá-lo-á.

MAXIMUS: Essa verborreia de reflexão surgiu quando?

AUGUSTUS: Agora mesmo.

MAXIMUS: Grande génio. Basicamente metes a vida de um homem e a da sua inocente esposa nas mãos daquilo que um arquiteto achar que fica melhor na paisagem?

AUGUSTUS: Sim. São tempos negros, estes que vivemos.

MAXIMUS: É... (*Silêncio.*) Resolveste bem a questão, até.

AUGUSTUS: Pois. As pessoas de categoria sabem tudo, sem nunca terem aprendido nada.

MAXIMUS: Isso é uma frase feita?

AUGUSTUS: É, pois.

MAXIMUS: De quem? Cícero?

AUGUSTUS: Não. É de um certo gaulês. Não me recordo agora do seu nome.

MAXIMUS: Muito bem... Esperemos então pela decisão do arquiteto Caio.

AUGUSTUS: Ele há de estar a chegar.

MAXIMUS: Sim. Agora é só esperar. Logo já dormes bem.

AUGUSTUS: Sim. É só esperar.

MAXIMUS: Só tenho pena é que não pare de chover.

AUGUSTUS: Amanhã já dá sol.

MAXIMUS: Sim... Se eles o dizem.



Breve
enunçiação
dos crimes dos
homens


GONÇALO AMORIM

CENA

A ação passa-se num futuro próximo, depois de um acidente nuclear que provocou grandes alterações na fauna e na flora terrestres. Depois da catástrofe, os homens agem como lobos, os cães agem como homens. Alguns têm amnésia. O eremita cheira a porco. Os homens-lobo querem recuperar os seus espaços, os cães-homem querem obedecer mas não sabem como, o porco quer que não o comam. O homem-lobo grande é o antigo dono do sacerdote (até aí cão), os outros homens-lobo são familiares e amigos.

Personagens

SACERDOTE

EREMITA

ACÓLITOS

LOBO GRANDE

LOBOS

MIÚDOS

CÃES

PESSOA COM AMNÉSIA

Num mosteiro ou igreja com muito pouca luz, um sacerdote (que é um cão) discursa para uma assembleia.

SACERDOTE: Não nos podemos esquecer dos justos, não nos podemos esquecer dos mais fracos, dos que não têm comida ou agasalho, dos que não conseguem ter filhos, dos que não têm pátria. *(Cheira.)* Nós pertencemos a um reino, o reino de Deus. Nesse reino somos irmãos e como irmãos temos o dever de nos mantermos unidos. Aquele que vier de fora deverá ser educado segundo a nossa fé. Não tenham medo de estender a mão. O vosso mérito acabará por ser reconhecido, nem que seja no reino dos céus. O grande acidente obrigou-nos a pensar de novo em quem somos, redefinir o nosso papel no planeta terra...

O **EREMITA** *bate a uma das portas.*

EREMITA: Depressa, ajudem-me! Deixem-me entrar! *(Os ACÓLITOS pegam em armas e machados. Com cuidado dirigem-se à porta. Abrem a porta e ajudam o EREMITA a entrar, levam-no para junto do altar, cheiram-no. O SACERDOTE também o cheira.)* Posso abrigar-me aqui? Estou a ser perseguido por vários lobos. Um deles parece-se com uma vaca. Nunca tinha visto um lobo tão grande. *(Todos reagem com desconfiança. O EREMITA continua esbaforido.)* Há vários dias que caminho. Não tem sido fácil encontrar quem me dê abrigo e um pouco de pão.

Os **ACÓLITOS**, *respeitando um sinal do SACERDOTE*, vão buscar água e pão. O **EREMITA** *come e bebe de forma estranha.*

SACERDOTE: De onde vem?

EREMITA: De Braga.

SACERDOTE: E o que quer?

EREMITA: Ando à procura de uma terra para viver.

SACERDOTE: E qual é o mal da sua?

EREMITA: É uma longa história, mas, assim resumindo, fui caluniado pelo meu sobrinho e enxotado da minha própria paróquia.

*Neste momento, ouvem-se vários uivos de **LOBOS** à volta da igreja. Todos ficam bastante agitados.*

ACÓLITOS: São os lobos, outra vez!

SACERDOTE: Não se preocupem, eles já se vão embora. Foram atiçados pela carne fresca. Está interessado em juntar-se à nossa comunidade?

EREMITA: Sim, de que é que vocês precisam?

SACERDOTE: O que é que sabe fazer?

EREMITA: Pequenos milagres, faço saltar peixes do rio, consigo fazer jorrar água das rochas ou levantar grandes pedras com as mãos.

*Novo som dos **LOBOS**, mas agora também tentam arrombar as portas.*

ACÓLITOS: Peguem nas espingardas e nos machados!

SACERDOTE: Muito cuidado, não matem o lobo maior! (*Grande agitação na sala. O **EREMITA** começa a ficar muito inquieto e a dar encontrões nas paredes.*) Calma, já sabem que o lobo grande só precisa de carne. (*O **EREMITA** dá cada vez mais encontrões nas paredes.*) Alto, segurem-no. Vamos dá-lo aos lobos! (*O **SACERDOTE** dirige-se à porta e tenta negociar com o **LOBO GRANDE**.*) Dono, estás aí?

*O **LOBO GRANDE** fala do outro lado da porta.*

LOBO GRANDE: Sim, Bartolomeu.

SACERDOTE: Temos comida para ti.

LOBO GRANDE: O que é que arranjaste? (*Cheira.*) Quem é esse?

SACERDOTE: É um eremita de Braga.

LOBO GRANDE: Cheira-me a porco!

EREMITA: Calma! Eu faço milagres, já estive em Roma e nas terras de Cristo!

Os **LOBOS** conseguem abrir a porta. Entram na igreja.

SACERDOTE: Não disparem!

LOBO GRANDE: Estão loucos. Pousem imediatamente as armas!

Os **ACÓLITOS** pousam as armas e sentam-se. O **SACERDOTE** não reage.

SACERDOTE: O que é que estão a fazer?

ACÓLITOS: A obedecer!

LOBO GRANDE: Rua! Lá para fora! Andor! (Os **ACÓLITOS** saem. O **SACERDOTE** faz intenções de sair.) Tu ficas aqui, meu querido! Fica perto de mim. (O **LOBO GRANDE** toca no **SACERDOTE** com carinho.) Vais ser o primeiro a comer. (O **SACERDOTE** senta-se perto do **LOBO GRANDE**.) Bem, matamos o porco?!

O **EREMITA** desata a correr e dá encontrões na parede.

EREMITA: Sua cambada! Eu vos esconjuro. Cobardes, mesquinhos! Nunca mais terão sossego. Só pensam na barriga. Atrasados mentais. Só fazem o que vos mandam. Cagalhões. Traidores. Não me toquem. Respeito, sou uma pessoa mais velha! Ó jovem, respeito, larga-me, larga-me...

Os **LOBOS** correm atrás dele, apanham-no e matam-no. Dividem

*a comida igualmente por todos. Dão a maior parte ao **LOBO GRANDE**.*

LOBO GRANDE: Não se esqueçam de juntar os restos para darmos aos cães. (*Dá uma boa parte da sua comida ao **SACERDOTE**.*) Vês, Bartolomeu, foste o primeiro a comer. Come. Come. Come. Isso.

SACERDOTE: O grande acidente deixou-nos muito baralhados. Se eu soubesse que irias sofrer nunca me teria metido nisto. Estava com saudades tuas, meu querido.

LOBO GRANDE: Não é fácil cuidar de uma família tão grande. Não sabia onde te tinhas metido. Os miúdos tinham saudades de brincar contigo.

*Os **MIÚDOS** vêm mexer no **SACERDOTE**.*

SACERDOTE: Meus queridos.

*Ouvem-se os **CÃES** lá fora que esperam pela comida.*

LOBO GRANDE: Vão dar de comer aos cães.

*Os **LOBOS** obedecem.*

SACERDOTE: Eu acho que estava a funcionar, estava a afeiçoar-me à igreja, estava a afeiçoar-me à eucaristia. Não é fácil o caminho do bem, e este sítio acalma-me.

LOBO GRANDE: A mim também! É por isso que estou de volta. Agora podes sair. Já é tarde, e sabes muito bem que dormes na rua.

SACERDOTE: Sim, até amanhã. Amo-te.

LOBO GRANDE: Eu também te amo.

*O **SACERDOTE** sai. Os **LOBOS** descansam. Entra uma **PESSOA COM AMNÉSIA**.*

PESSOA COM AMNÉSIA: Eu não me lembro de nada. Sei que havia um bosque. Havia peixes. Os peixes lembram-me os lagos, que não sei o que são. Lembro-me da frase “Lá em baixo viste o meu servo Jó?”. Esta nudez, a do recomeço. Não sei se estou preparado? Lembro-me de dizer: “Eu te conhecia só de ouvir. Agora, porém, meus olhos te veem”. Sou uma pessoa com amnésia. Sei que me vou lembrar. Mas ainda não é já. Chega uma altura em que dar não chega. Estou nu. Dar não chega. Falava do mal. Deus falava do mal. Sentia-o. Lembro-me que cheirava. Reaprendo a saber o que cheira bem. Aqui não cheira bem. Não me cheira bem! Sou uma pessoa com amnésia. A grande explosão. Uma claridade e os meus olhos que te veem. Não sei se isto é diferente da guerra. Estarei em guerra? Ele agora percebe. Será guerra? Será guerra?

A igreja fica branca.

Roda do Mosteiro
Velho ou
Centre Culturel
Transdisciplinaire
du Mosteiro
do Românico

JORGE LOURAÇO

CENA

Um mosteiro em obras.

Personagens

CORO DE MULHERES

MARIA

EGAS

TAGANA

PADRE

MADRE

BRANCA

VILHEMINA

ÁGATA

PÊRO MANCO

MORDOMO ALFREDO

MANTEIGAS

ATO ÚNICO

A nave de uma igreja, num mosteiro em obras. Um grupo de mulheres arranja a igreja.

MULHER 1: Onde estará o meu filho, deixado na roda com a outra metade de um aerograma, para o poder encontrar mais tarde?

MULHER 2: Onde andará a minha filha, deixada na roda com a outra metade de um cravo?

MULHER 3: Que será da minha cria, deixada na roda com a outra metade de uma chave?

MULHER 4: Que será do meu rebento, deixado na roda com a outra metade de um cartão, para o poder reconhecer mais tarde?

MULHER 5: Poderemos morrer sem revê-los?

MARIA: Onde estarão eles? Somos como atrizes que não entendem o papel.

EGAS surge do escuro, com um maço de folhas manuscritas na mão. Deixa cair as folhas ao chão, com o nervosismo.

EGAS: Eu peço a palavra... Sei o que sentem. Querem conciliar o presente com o passado.

MULHER 1: Quem é este moço?

MULHER 2: Não é o menino da...?

MARIA: E então?

EGAS: E se usarmos o teatro para ler o nosso destino e descobrir o papel de cada um de nós?

MULHER 3: Como?

MULHER 1: E atores?

MULHER 2: E atrizes?

EGAS: Tenho na minha posse uma arma invencível. Um espetáculo de teatro sobre os nossos destinos. Só temos de reconciliar o Pêro Manco com o grupo. Quando souberem os papéis que tenho para eles, o Tagana, a Branca e a Manteigas não pensam duas vezes.

MULHER 3: Isso não é assim.

MULHER 4: Mas fazia-se, antigamente.

MARIA: Eu conheço-te, romeiro. Andavas atrás da sobrinha do Manco. Foi por tua causa que o grupo de teatro se esfrangalhou. Isso é tudo para impressionar a moça?

MULHER 4: Isto lembra-me uma vez...

MULHER 5: Nunca vi isso correr bem.

MULHER 2: Deixa ouvir, não desconverses.

MULHER 1: O rapaz pode ser que acerte.

MARIA: Podemos tentar. O melhor norte é o amor e este moço pensa com a agulha da bússola. De resto, toda a gente sabe: os pombinhos têm sentido de orientação.

MULHER 1: Junta os atores. Talvez a peça nos mostre um caminho. Agora dá-nos licença, vamos para casa, ouvir o terço, na *Renascença*. Este padre não faz nada por nós.

As **MULHERES** saem.

MARIA: Tu é que lhe fizeste o filho?

EGAS: Ela não teve filho nenhum!

MARIA: O certo é uma verdade: o Pêro Manco não queria que a sobrinha sustentasse um ator de província. Mandou a moça estudar para fora. Era uma criança. Mas agora voltou... E é uma mulher.

EGAS: Ela é virgem! (*Pausa.*) E eu também!... Prometi à Ágata que guardava a virgindade para ela.

MARIA: Mas achas que ela ficou à espera? Ai, se fosse eu, no estrangeiro, curso de teatro, loirinhos, olhos clarinhos, pele branquinha...

EGAS: Esse problema é dela. Quero juntar o grupo porque o texto que estou a escrever é um exemplo do rumo que a nossa sociedade pode seguir...

MARIA: Mau! Ainda estás a escrever? E a sociedade faz o quê, entrementes, fica à espera?

EGAS: Falta pouco! Tenho de acrescentar um ou dois números cómicos. E as histórias de amor. E a parte musical.

TAGANA *passa apressado, vindo da rua.*

EGAS: Tagana!

MARIA: Frei Tagana!

TAGANA: Filha!

EGAS: Camarada!

TAGANA: Maria, ainda bem que apareces, era mesmo contigo que eu queria falar. Ando para te mandar uma mensagem há que tempos, mas mudei de telemóvel, perdi os contactos. O presidente vem aí!

Talvez passe aqui no convento para ver o andamento das obras. A dona Vilhemina quer oferecer uma amostra da culinária local, mas... Eu só sei fazer doces conventuais.

EGAS: Tenho uma peça nova que nos vai levar à ribalta, Tagana!

TAGANA: Falamos mais tarde. Tenho de ir ver as obras da nave, acabou o cimento! Liga-me! Tu és uma santa... Tens de vir trabalhar para a casa dos santos.

Sai.

MARIA: Vamos atrás dele...

EGAS: Não percebo... Fez de conta que não me estava a ver... O Tagana tem razões para estar farto do teatro... Só fazia animais nas peças do Pêro Manco. Consegue fazer a arca de Noé inteira, os machos e as fêmeas. Mas eu sempre o defendi!

MARIA: Anda.

EGAS: Mal falei da peça, pôs-se a andar!

MARIA: Que escuro. Frei Tagana!

Entra TAGANA.

TAGANA: Falem baixo, que isto aqui bate tudo no cimento das paredes e o eco ecoa tudo até às orelhas do abade. (*Para EGAS.*) Que história é essa? Não fales mais em teatro neste lugar! Eles estão muito nervosos, vem cá o presidente! Despedem-me, sem direito a nada! E tu andas a dizer a toda a gente que tens um papel para mim?!

EGAS: Mas tenho! Olha o papel que eu escrevi para ti...

TAGANA: Para mim?

EGAS: Sim... É a história de um grupo de amigos que se reencontram depois de muitos anos afastados...

TAGANA (*Comovido.*): E tu escreveste de propósito para mim?

EGAS: Sim, podes fazer o Joaquim, é o mais macho deles todos.

TAGANA (*Cada vez mais comovido.*): Para mim?... (*Cai nos braços de EGAS.*) Eu tinha tantas saudades tuas, puto! Deixa-me olhar bem para ti! Estás um homem! Um homem!!

MARIA: Um homem...

TAGANA: A Branca deve estar a chegar. Temos de falar com ela!

EGAS: A Branca vem aí?

TAGANA (*Recomposto.*): E já está atrasada. Ela voltou para o moinho, todos os dias faz aqui a entrega de uns taludes de farinha. Temos muito jesuíta para fabricar. Ela vai ficar tão contente... Tens um papel para ela, não tens?

EGAS: Claro que sim! Ela faz de Anita, é uma cabeleireira que não aguentou o empréstimo e teve de entregar o salão ao banco. O marido dela trabalha no banco. Ela quer emigrar. Ele não quer.

TAGANA (*Comovido.*): Puto! Tenho tantas saudades de decorar um papel!... Ficar horas e horas à volta de uma frase que não se quer estampar na memória, usar uma caninha para bater nas minhas mãos quando me engano, pedir a alguém para me dar umas chicotadas quando troco as palavras!... (*Pausa.*) E para a Manteigas? Não te esqueceste da Manteigas... Ela está aqui ao lado, na vacaria. Ainda só tem uma vaca. Está à espera do apoio da União Europeia.

EGAS: Não me esqueci de ninguém!

TAGANA: E o Pêro Manco?

EGAS: Também não! Ele é o marido que não quer emigrar!

TAGANA: Ele anda a fazer animação cultural dos centros históricos, não sei se vem. E a Ágata?

EGAS: Ela tem o papel principal! É a vocalista da banda que eles criam para salvar a situação!

TAGANA: Espera... Isto é por causa da Ágata?

EGAS: Não, isto é por nossa causa.

TAGANA: Pois... Mas sabes... Para ti é fácil, ainda és novo, mas eu tenho de cuidar dos meus!

EGAS: Mas quais teus?

TAGANA: Aqui é que eu tenho a minha família!

EGAS: Aqui é só monges e freiras!

TAGANA: Mas é a minha família!

EGAS: A tua família é o nosso grupo de teatro! Quem é que te deu a mão quando saíste do seminário?

TAGANA: Mas foi aqui que eu fui criado... A madre é como uma mãe para mim. Às vezes, chego a pensar se não será ela...

EGAS: Tu és órfão, como eu!

TAGANA (*Sussurra.*): Ouve, eu acho que eles são os meus pais naturais... Naquele tempo, sabes como é...

EGAS: Eles fizeram voto de celibato!

TAGANA: Não fizeram de castidade!

EGAS: Podes fazer outra personagem. O Júlio, o filho, que é uma promessa do futsal.

*Entra o **PADRE**, seguido da **MADRE**.*

PADRE: Ó filho... Sempre a trabalhar... Mais devagar...

TAGANA: Vão-se embora! Eu falo com a Branca. Procurem a Manteigas! (*Disfarça.*) Pois. Tudo restaurado com a melhor tecnologia da Europa! Então adeus, obrigado...

PADRE: Assim as obras acabam num instante e tens de voltar para o desemprego!

MADRE: É o que eu estou sempre a dizer... Ainda nos despedem por trabalhar demais. Isto não é a vida secular, filho. Estás num convento, aqui as coisas têm outro tempo... Mais espiritual...

TAGANA: Bem sei, meu pai, minha mãe... É para termos alguma coisa para mostrar ao senhor presidente, quando ele vier.

PADRE: Quem eram aqueles?

TAGANA: São estudantes de arquitetura, do Porto.

PADRE: Ele estava naquela manifestação...

MADRE: Ela pode ser mãe dele.

PADRE: O que é que eles vieram fazer aqui?

TAGANA: Vieram ver as obras.

MADRE: Já sabes: nada de pressas. Uma restauração como deve ser. Nada de pressas para ir ter com os teus amigos do teatro.

*Depois de um silêncio, saem. **TAGANA** fica só. Entra **BRANCA**, a*

cavalo de um burro, com sacos de farinha.

BRANCA: Ó do mosteiro! Ó do mosteiro! Mas ninguém me ajuda?

TAGANA: Branca... Tu nem acreditas quem aqui esteve! O Egas! E está enorme, cresceu muito! Eu nem o reconhecia.

BRANCA: Ah! Nunca mais o vi! Esses garotos vão para a universidade, nunca mais se lhes põe a vista em cima. Eu se o visse, não o reconhecia! Não me ajudas?

TAGANA: Sabes o que ele queria?

BRANCA: Não.

TAGANA: Tu nem queiras saber!

BRANCA: O que era?

TAGANA: Sabes lá!

BRANCA: Conta!

TAGANA: O puto escreveu uma peça. E tem papéis escritos para nós! Não são figurantes. Não são papéis secundários. Não são animais! São personagens principais! Protagonistas. Deixou o meu, queres ver? Não é como aquelas peças do Pêro Manco! São pessoas, pessoas como nós, com problemas, paixões, indecisões! Com pais e mães e filhos e sobrinhos e... Família! Tem uma personagem para ti, que quer emigrar!

BRANCA: E então? Onde é que ele se meteu?

TAGANA: Olha esta fala dela: ao telefone, para o marido, que trabalha num banco. O banco foi à falência. Um cliché, mas passa: “Amor,-diz ela, a Anita – a nossa última cliente acabou de sair daqui. Não adivinhas quem foi? A tua gerente. Veio fazer a permanente. Aproveitou e deixou

cair que iam acionar a penhora. Eu a querer fazer o *styling* e ela só falava no *spread*, no *spread*, no *spread!*... E tu não dizes nada, homem, não falas?" Aqui, ela começa a chorar e a gritar: "Eu sei que estás no banco, que é o teu trabalho, que não podes pôr isso em causa, mas a filha da puta da tua gerente acabou de vir aqui destruir a nossa vida, Zé Manel!"

BRANCA: A gerente tem um caso com ele?

TAGANA: Tem tudo a ver contigo, acho que deves fazer. Mas eu... Bom, eu já estive a pensar e não pode ser. Eu estou muito bem aqui, muito melhor... Eu queria ir, mas a minha família...

BRANCA: Tagana... Já não tenho paciência para essa conversa. Só te tem prejudicado, essa tua ideia. Tu não tens pais. Aceita isso de uma vez por todas! És órfão. E não tem mal nenhum.

TAGANA: Não sou!

BRANCA: Não... O que é que tens no bolso?

TAGANA: Qual bolso?

BRANCA: No forro!

TAGANA: Nada. Está vazio.

BRANCA: Neste bolso, neste!

TAGANA: Dá cá isso!

BRANCA (*Revela um cartão cortado ao meio.*): Não é um cartão cortado ao meio? Não andas sempre com ele? E eu não tenho uma chave? E a Manteigas um aerograma? E o Pêro um cravo? Queres ser melhor que os outros? Somos iguais!

TAGANA: Achas que somos irmãos?

BRANCA: Só se for quadrigêmeos...

TAGANA: Podíamos ter o mesmo pai... E mães diferentes.

BRANCA: Tu foste deixado na roda, como eu, a Manteigas e o Pêro! Não te queres convencer!...

TAGANA: Não, não, isso foram só vocês... Eu nasci no mosteiro... Eu tenho pai e mãe!

BRANCA: Pai e mãe todos temos, só não sabemos quem são! Um dia, pode ser que apareçam... Um dia... Se ainda forem vivos.

TAGANA: O meu pai é o abade, estou quase certo.

BRANCA: Para onde foi o Egas? E porque é que ele não te deixou a minha cópia do texto?

TAGANA: E a minha mãe é a madre.

BRANCA: Foi atrás da Manteigas? O Pêro ia para lá, com a Ágata!...

TAGANA: Eu sou tão meiguinho... Tenho a certeza que fui criado com muito amor. Onde é que há mais amor do que num mosteiro?

BRANCA: Anda, vamos, temos que ir ajudar o miúdo, se não ainda se pegam os dois por causa dessa galdéria.

TAGANA: Tenho a certeza.

BRANCA: Conta lá como é a Anita.

TAGANA: Tem dois filhos, o Júlio e a Esmeralda. Teve de vender o salão e agora atende na garagem. A mãe vive com ela. É muito misteriosa, a velha. Nunca abre a boca. O marido é que é o problema.

BRANCA: Ah é?

TAGANA: É.

BRANCA: Essa história não me é estranha.

Entra o PADRE, seguido da MADRE.

PADRE: Uma peça de teatro!?

MADRE: Pede-lhe o papel.

PADRE: O texto!

TAGANA: Que texto?

MADRE: A peça que o teu amigo escreveu. Onde está? Quero ver com os meus próprios olhos a figura que vais fazer...

PADRE: Lê, lê aqui à minha frente, que eu quero ouvir da tua boca as palavras que vais dizer...

MADRE: Não lê? Leio eu! “Anita, a tatuagem não é só uma arte, é uma filosofia de vida. Tens de conhecer o corpo do outro, saber onde corre o sangue, onde a pele respira, onde o desenho vai ganhar forma e como vai envelhecer com o tempo. O tatuado vive com a marca que lhe fiz no corpo. Tens de amar o desenho que escolheres como amas o teu marido. É como se tivesses de fazer amor com a mesma pessoa para sempre”.

PADRE: É este tipo de teatro que tu andas a fazer!?

TAGANA: Pai, mãe, não!!

PADRE: Não me chames assim, que eu não te chamarei mais... Não te chamarei mais meu... Meu... Filho...

MADRE: Depois de tudo o que passamos para te criar...

BRANCA: Ele é vosso filho natural?

MADRE: Era como se fosse...

TAGANA: Eu sou vosso filho!

PADRE: Nascestes da roda e à roda tornarás.

TAGANA (*Chora.*): Eu não sou filho da roda...

PADRE: Pega nas tuas coisas, pega nessa mulher e parte para não mais voltar! As obras do mosteiro levo eu daqui para a frente. E depressa, que isto estava a andar muito devagar! Esta parede—estruque! Este chão-cimento. Na sacristia, *pladur, pladur*, não se pensa mais nisso. Vou ligar à Vilhemina. Se o presidente vier hoje, faço questão que venha ver as obras.

Saem. Entram as MULHERES e MARIA.

MULHER 1: Não se pode rezar em paz. Que mal lhes fez o teatro? Não é obrigatório.

MARIA: São ciúmes. Querem ser só eles a pregar e a dar espetáculo.

MULHER 2: E ele foi mesmo deixado na roda?

MARIA: Não viste o cartão dourado?

MULHER 1: E que tem esse Pêro contra o Egas? Ele é assim tão mau ator?

MARIA: Apanhou os dois, o Egas e a Ágata, sozinhos em casa. Ferido pelos ciúmes de tio, proibiu a moça de ver o moço.

MULHER 3: Isso já não se usa...

MULHER 1: Mas os homens são assim, vivem no tempo passado. Se

não fossem as mulheres, nunca o mundo andava para a frente.

MULHER 2: Mas ela é mesmo sobrinha dele?

MULHER 3: Então não é?

MULHER 2: Ele não nasceu na roda?

MULHER 3: Ele e os outros. Mas toda a gente sabia quem eram os pais e, por conseguinte, de quem eram filhos e de quem eram irmãos. E, por conseguinte, de quem ela era sobrinha e de quem ele era tio. Por conseguinte: um do outro.

MULHER 4: Isto a mim lembra-me uma coisa que uma vez me aconteceu.

MULHER 1: Muda o disco, não comeces. Estou farta dessas histórias, são sempre as mesmas!...

MULHER 4: Não te ia contar história nenhuma. Vou lá para fora, para, quando começar o baile, arranjar um bom lugar!

MULHER 5: Mas tu vais ao baile para bailar ou para ficar sentada?

MULHER 4: E quando me cansar das pernas? Até me lembra uma história...

MARIA: Chiu.

Escondem-se. Entra VILHEMINA com ÁGATA.

VILHEMINA: Ó filhota, mon choux, isto está impossível, quase não há paredes! Il n'y a pas de paredes! Onde é que vamos fazer a projeção laser?

ÁGATA: Metemos uns andaimes e umas telas.

VILHEMINA: Mais andaimes? É a solução para tudo, é andaimes! Não tenho mais andaimes! Non plus! Plus d'échafaudages! Já temos andaimes pour les fêtes, andaimes no quartel dos bombeiros, andaimes no altar de l'église, andaimes no palco do teatro Almeida Garrett... Daqui a pouco até dans ma chambre tenho andaimes em vez de mon lit!

ÁGATA: Mas madrinha... Se quer usar o laser no mosteiro velho...

VILHEMINA: Centre Culturel Transdisciplinaire du Mosteiro do Românico! Não aprendeste nada lá fora, filhota, mon choux!? E ton oncle, où est-il que não atende? *(Ao telefone, deixa mensagem.)* Onde estás tu, que não te vejo, Pêro Manco?

ÁGATA: Ele já vem a caminho. Veio a pé, pelo lameiro.

VILHEMINA: Mas como é que uma pessoa é responsável pela animação de espaços históricos e não atende o telemóvel?

Entra **PÊRO MANCO.**

PÊRO MANCO: Boas tardes, donzelas!

VILHEMINA: À tua espera!

PÊRO MANCO: Ah, mas quem espera...

VILHEMINA: Quando é que a Manteigas tira a vacaria da ala norte do mosteiro?

PÊRO MANCO: Vilhemina, já tenho uma estratégia. Escrevi uma peça. De Natal. A vacaria pode ser o cenário. Assim já não precisamos expulsar a Manteigas.

VILHEMINA: Não quero peça nenhuma! Eu só quero luzes, música e baile... No máximo, um desfile – um desfile qualquer!

PÊRO MANCO: É a maneira mais fácil. Aproveitar o que temos para atrair o turismo... O presidente vai gostar! E escrevi um papel de propósito para ti.

VILHEMINA: Deixa cá ver isso.

PÊRO MANCO (*Distribui cópias.*): Ainda só tenho o resumo. A maior parte é improvisação. *Commedia dell'arte.*

ÁGATA: *Auto da Ceia de Natal...* As personagens são só animais?

PÊRO MANCO: Não é cómico?

ÁGATA: Parece a peça de Natal da escola de hotelaria! Só faltam as batatas e os grelos!

VILHEMINA: O peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau?

PÊRO MANCO: O bacalhau é o principal!

ÁGATA: Já mostraste isto a alguém? Há mais cópias?

PÊRO MANCO: Não, fiz só estas...

ÁGATA: Vamos fazer de conta que nem estas fizeste.

PÊRO MANCO: Mas, filha, vai funcionar, vais ver...

ÁGATA: Para que é que eu andei a estudar, tio? Para fazer imitações de animais?

PÊRO MANCO: Tirem vocês de lá a Manteigas, então!

VILHEMINA: E como é que tu ias conseguir isso, simplement avec du théâtre!?

PÊRO MANCO: Se tu fizeres o peru, Vilhemina, e tu, filha, o cabrito, e

eu, Pêro Manco, o polvo, quem faz o bacalhau? A Manteigas! O papel principal!

ÁGATA: Há quanto tempo não lhe falas?

PÊRO MANCO: Eu peço-lhe desculpa por tudo.

VILHEMINA: Desculpa de quê?

PÊRO MANCO: São umas histórias do passado. Vão ver. Ó Manteigas! Manteeeeeeigas!

MORDOMO ALFREDO (*Saindo da casa, para PÊRO MANCO.*): O que deseja vossa senhoria?

PÊRO MANCO: Vossa senhoria deseja a vaqueira. Falar com ela. Faça o favor de anunciar a visita de Pêro Manco e Vilhemina Paga-Pão.

O **MORDOMO ALFREDO** *entra na vacaria.*

MORDOMO ALFREDO (*Anuncia MANTEIGAS.*): A menina Manteigas.

MANTEIGAS: Alfredo, informe as visitas que não tenho muito tempo, pois deixei a vaca a meio da ordenha.

PÊRO MANCO: Manteigas, querida! Há que tempos! Estás na mesma!

MANTEIGAS: Alfredo, requeira ao senhor Pêro Manco as razões da sua visita.

PÊRO MANCO: Diga à menina, Alfredo, que a venho convidar para entrar num espetáculo de teatro: um auto de Natal.

MANTEIGAS: Alfredo?

MORDOMO ALFREDO: O senhor Pêro deseja convidar vossa senhoria para um auto de Natal.

MANTEIGAS: Alfredo, diga ao senhor Pêro... (*Entrando na casa.*) para ir ver se estou no lameiro.

VILHEMINA (*Detém MANTEIGAS.*): Alfredo, reitere à proprietária de la vache que, pela última vez, esta propriedade é pública, e ela tem de levar a pecuária para outra loja. O mosteiro não é vacaria, por muito velho e abandonado que esteja.

MANTEIGAS: Por favor, Alfredo, comunique, a quem possa interessar, que a ala norte do mosteiro foi ocupada quando se encontrava deserta e arruinada, depois de ter sido abandonada por todos, no tempo das lutas liberais, em 1834, e desde então tem passado de geração em geração. A ocupação está ao abrigo da lei de usucapião.

VILHEMINA: Alfredo, explique lá à moça que tem de desamparar a loja – no sentido literal.

MANTEIGAS: Alfredo?

MORDOMO ALFREDO: A proprietária da loja pretende que a vaca da proprietária...

MANTEIGAS: A proprietária da loja?! E onde está o título de propriedade da proprietária da loja?!

VILHEMINA: Onde está? Este mosteiro foi cedido por D. Mafalda à ordem beneditina e voltou para coroa no século XX. Pertence ao Estado. Ala norte, ala sul, ala... Todas! Como é que pode ter passado de geração em geração, se toda a gente sabe que esta senhora foi deixada na roda e não conhece os seus progenitores? Toda a gente sabe que ela não tem herança.

MANTEIGAS: Fui deixada na roda, sim. Mas a minha vaca, que viveu aqui toda a vida, descende em linha direta de um touro oferecido por Egas Moniz a D. Mafalda, filha de D. Sancho e neta de D. Afonso Henriques, quando ela era pequenina. Tenho aqui a papelada toda! Querem desalojar um animal tão nobre, que ainda por cima trabalha e

dá de comer a uma dezena de portugueses?

VILHEMINA: C'est incroyable! Toda a gente me conhece aqui, sabe quem eu sou, nunca esperei ser atacada desta maneira... Tenho de concordar, é uma bela atriz, sim senhora! Pêro Manco, se queres manter ton boulot, tira-me esta mulher daqui, por favor. E fazas como fizeres, eu não contraceno com ela na mesa da consoada. Je ne joue pas avec une vache como celle-ci!

PÊRO MANCO: Manteigas... Acreditas mesmo nessa história?

MANTEIGAS: E porque não? Se é para viver de ficção e representar um papel falso, este não me fica nada mal.

PÊRO MANCO: Mas ao menos ouve a minha ideia para o auto de Natal!

MANTEIGAS: Ó homem, mas quantas vezes nós já não fizemos um auto de Natal? A história é por demais conhecida! E acaba mal, ainda por cima. Crucificam o menino antes de chegar à Páscoa!

PÊRO MANCO: Mas esta é diferente! É a ceia de Natal do ponto de vista de quatro animais oprimidos: o peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau.

MANTEIGAS: Espera, deixa-me adivinhar: eu faço de bacalhau! Não, nem pensar... Escreve outra coisa! Uma peça real!

PÊRO MANCO: Sobre uma atriz que se tornou leiteira?

MANTEIGAS: Leiteira e fidalga – porque não?

PÊRO MANCO: Isso só nos contos de fadas.

Entra EGAS com MARIA, BRANCA e TAGANA.

EGAS: Eu tenho uma peça assim.

PÊRO MANCO: Estás aqui?

EGAS: Os velhos pediram-me para te encontrar.

PÊRO MANCO: A mim?

EGAS: A ti.

PÊRO MANCO: E já encontraste, ou não?

EGAS: Não sei. Encontrei?

PÊRO MANCO: Depende do Pêro Manco que procuras. Se é aquele que um dia recolheu um putto da rua, lhe deu um pão e um par de sapatos, e o levava pela mão e ao colo para todo o lado, não procures mais. Esse morreu e está enterrado...

EGAS: Onde? Gostava de saber para poder visitá-lo.

PÊRO MANCO: Não se sabe. Obrigaram-no a uma campa rasa, sem nome, nem epitáfio, num lugar escondido. Pode estar em qualquer cemitério da região. Antes de o enterrarem, mostraram-no em praça pública, durante anos, para servir de exemplo, em cada uma das terras onde houvera atuado. Foi deixando pedaços de si, enrolados no pano-cru que vestia, ensopado de sangue, lembrando o traje de bobo que lhe era como uma segunda pele. Finalmente, para que não amasse mais, tiraram-lhe o coração e deram-no a comer aos pássaros e aos peixes. Se olhares para cima, talvez vejas um falcão a voar com um pouco dele nas garras. Se olhares para baixo, talvez o vejas na boca de uma enguia.

EGAS: E como sabes tudo isso?

PÊRO MANCO: Contou-me um homem, que o conheceu e que percorreu os mesmos caminhos, dormindo ao relento, fazendo o seu manjar com pão e uvas.

EGAS: Percorrerei os rios a resgatar as relíquias do santo que ele era quando pisava as tábuas do palco. Falarei com as generosas cegonhas para reaver o generoso coração que ele tinha e pedirei ao rei dos sáveis

instruções para encontrar esse outro rei. Escavarei os cemitérios até reunir e deixar em paz um homem que era inteiro na vida e que merece estar inteiro na morte. Correrei, nadarei e voarei, contra as leis da física, mas pelas leis da vida, para homenageá-lo na morte, mostrando a gratidão que lhe devo, senão ao homem morto, pelo menos aos homens vivos.

PÊRO MANCO: Os vivos gostarão de saber.

EGAS: E tu gostarás de saber que os teus atores te procuram.

PÊRO MANCO: A mim?

EGAS: A ti.

PÊRO MANCO: Para quê?

MARIA: Para uma peça de teatro, home!

PÊRO MANCO: Manteigas, ouviste? Ágata, filha, eu não te dizia, que a minha sorte ia mudar? Vamos voltar a reunir o grupo. Egas, calha mesmo bem, acabei de pensar num auto de Natal novo!

EGAS: Mas... Não... Eu já tenho um rascunho de uma peça.

PÊRO MANCO: Qual é o título?

EGAS: *Âncoras e Andorinhas!*

PÊRO MANCO: Péssimo! Fazemos a minha: *Auto da Ceia de Natal*.

EGAS: Não queres ouvir a história? Tu fazes de empregado bancário.

PÊRO MANCO: Empregado bancário!

EGAS: A tua mulher é cabeleireira. E ela teve de entregar o salão ao banco, porque não aguentava as prestações. O banco no qual tu

trabalhas! É a contradição.

PÊRO MANCO: Isto é um absurdo!

EGAS: Tu andas preocupado. Ela culpa-te. E sente-se culpada por te culpar. E vocês já não... É complicado.

PÊRO MANCO: Não podias pensar numa coisa mais alegre?

EGAS: Ela instala o cabeleireiro na garagem de casa. É onde tu te encontras com os amigos. A situação piora. Ela quer emigrar. Tu não queres.

PÊRO MANCO: Achas que é isso que as pessoas querem?

EGAS: Tu não gostas, Manteigas? Tinha pensado que podias fazer a sogra do empregado bancário...

MANTEIGAS: E qual é a diferença entre o bacalhau e a sogra de empregado bancário!?

PÊRO MANCO (*Irónico.*): Manteigas, eu estive a pensar. Talvez pudéssemos contar a história de uma vaqueira, um monge, uma moleira e um... Palhaço, que é o que eu sou... Um palhaço! Contávamos a história destes quatro, assim, a seco. Os quatro órfãos. Conheceram-se no mosteiro, tinham sido recolhidos na roda dos enjeitados. Cada um com uma metade de um objeto, uma carta cortada ao meio, uma trança, algo deixado pelos pais, que ficavam com a outra metade para quando... Se um dia... Enfim... Cresceram... Quando começaram a dar problemas, três foram expulsos, todos menos um... Que era o favorito. Deram por si na rua a pedir. O quarto, que ficou no convento, não aguentou as saudades e fugiu, foi ter com eles. Como é que eles iam ganhar a vida? Da melhor maneira que sabiam... A fazer autos de Natal e de Páscoa, que era o que eles faziam no convento. E com uma história ouvida no confessionário aqui, uma cantiga aprendida acolá, um episódio da bíblia que metesse uns diabinhos e mais uma anedota picante roubada aos clássicos gregos e latinos, lá se compunham uns

entremezes... E assim iam ganhando a vida. Toda a gente os queria ver e ouvir... Vamos fazer essa peça, Manteigas, vamos? Não! Alguém se ia interessar pela nossa história? Temos é de contar fantasias, puto, fantasias! Se eu quiser contar uma história de amor, tenho de contar que o jovem galã morre de amores pela princesinha, e não que ele a quer levar para a alcova só para mostrar aos outros que já é homem! Ou não é? Mas a verdade é que ele só se quer aproveitar da moça! E depois, quando estiver satisfeito, vai trocá-la por outra qualquer... E ela, triste e sozinha... Não, não, não... A minha sobrinha não é para o teu bico! E vais pô-la a fazer que papéis? Que papéis?

ÁGATA: Tio, já não sou uma criança. Quero saber o papel que o Egas tem para mim!

PÊRO MANCO: Filha...

ÁGATA: Posso escolher a peça que mais me agradar?

PÊRO MANCO: Mas tu ias fazer o cabrito!

EGAS: Eu, para ti, tinha pensado o papel da Esmeralda, a filha do Zé e da Anita. É cantora na banda do namorado e é a chave para o desenlace final.

PÊRO MANCO: Tu não fazes o namorado nessa peça de teatro!

VILHEMINA: Eu estive aqui a ouvir, caladinha, o tempo todo, mas já chega. Ninguém vai fazer de namorado nenhum em peça de teatro alguma, porque só vamos ter luz, música e, no máximo, um desfile. Pode ser da Manteigas com a vaca, da Branca com o burrico, do Pêro com o peru, o cabrito, o polvo e o bacalhau, mas um desfile. Podemos começar o ensaio? (*Toca o telemóvel. Atende.*) Com licença. Sim? Muito bem, muito bem. (*Para todos.*) O presidente já não vem. Mas vem o primeiro-ministro. Estava a caminho de Vila Real e decidiu passar aqui. Fica cerca de uma hora. Podemos? (*Toca o telemóvel. Atende.*) Alô? Ah. Ok, ok... (*Para todos.*) Mudança de planos. O primeiro-ministro não pode vir, mas manda o ministro da agricultura, que vinha com

ele. Vai ficar 40 minutos connosco, temos de aproveitar. Começamos? (*Toca o telemóvel.*) Alto! (*Atende.*) Sim. Ah... Claro, claro... (*Para todos.*) Afinal quem vem é o secretário de estado da cultura! Foi um engano. É melhor assim. Confesso que estava a ficar um pouco desiludida, apesar das vacas. Só tem meia-horinha, temos de aproveitar. (*Toca o telemóvel.*) Alto, alto, alto! (*Atende.*) Sim, a própria. Muito bem. Claro. Bom, se tem de ser... Certo. Então fico à espera. (*Para todos.*) O secretário de estado já não vem, mas manda o presidente da comissão de coordenação, a diretora regional e três, três presidentes de câmara. Só têm quinze minutos, temos de aproveitar. Tocamos uma rapsódia e fazemos uns efeitos com o laser. (*Toca o telemóvel. Atende.*) Sim! Sim... Não é possível... Mas mesmo agora falei com o gabinete do senhor ministro... Era só seguir as placas. As antigas. As outras vamos inaugurar quando chegarem... Está lá? Está lá? (*Para todos.*) Enganaram-se no caminho e com o desvio gastaram o tempo que tinham.

PÊRO MANCO: Não tem nada que saber! Enganaram-se onde? Passa-me o telefone que eu explico-lhes. Queres que os vá buscar?

VILHEMINA (*Toca o telemóvel. Atende.*): Sim? Sim. Sim, sim. Sim... Não, não, laser. Não é *video mapping*, é laser. Não fizemos nada. Não, não, não! Sim. Não. Sim. Não. Sim. Sim. Sim. (*Para todos.*) Bom. Agora era o inspetor-geral das atividades culturais. Temos de ter licença para fazer animação em monumentos classificados que estejam em obras... Em especial se tiver raios laser... Não está previsto na lei. Agora usa-se o *video mapping*. Parece que há uma multa. Para o *mapping*.

PÊRO MANCO: E estas pessoas todas? Vão para casa sem ver nada?...

VILHEMINA (*Olhando em volta.*): Vamos ter que fazer uma vaquinha.

MANTEIGAS: Onde está a fortuna da herdeira, agora?

VILHEMINA: Queres ver uma coisa, Manteigas? (*Mostra uma carta cortada ao meio. Para todos.*) Eu cheguei depois de vocês, mas a história é a mesma. Sou tão herdeira quanto vocês. Herdeira da má sorte.

MARIA: E agora?

PÊRO MANCO: Se esta gente que aqui está nos quisesse ver...

BRANCA: Quem ficou com o texto?

PÊRO MANCO: A cinco euros a cabeça, fazíamos um dinheirão.

BRANCA: Esta cópia não tem o fim.

MANTEIGAS: Ó Egas, conta lá como é o fim da história.

EGAS: É que eu ainda não... Sei lá... Não sei o que vai ser de mim, quanto mais de nós...

PÊRO MANCO: Podíamos fazer a peça à mesma.

MARIA: Agora?

TAGANA: Estou farto de fazer peças de animais!

PÊRO MANCO (*Pega no texto.*): Deixa cá ver. Isto lembra-me uma história... A minha história, quando parti daqui pela primeira vez...

BRANCA: A nossa história.

TAGANA: Fazemos esta peça do puto! E passamos o chapéu...

PÊRO MANCO: Mas isto não está acabado!

BRANCA: Improvisamos o fim.

ÁGATA: Tio, por favor... Eu sempre quis entrar num musical...

PÊRO MANCO: Pelo menos vamos ler, talvez dê para improvisar... Tomem os vossos papéis. Estudem isso durante uns minutos. Decorem o melhor que puderem, mas concentrem-se no enredo, para poderem

improvisar as cenas, que depois as palavras podem mudar mais ou menos. Anita, a cabeleireira de vão de escada, é feita pela Branca. A mãe da Anita é a Manteigas. Esmeralda, a filha, é a Ágata. Vais cantando durante as cenas, é uma espécie de banda sonora. José, o marido, o tal bancário, sou eu. João, o vendedor... Precisamos de mais um ator... Faz a Vilhemina, por agora. Joaquim, o tatuador, Tagana. Júlio, o filho, jogador de bilhar, é o Egas.

Afastam-se todos para estudar os papéis.

EGAS: Mas ele nem fala! O meu papel era do namorada da... (*Não termina.*)

MARIA: Serão estes os nossos filhos? Deixados na roda por nós ou por outras mães, que diferença tem?

Entram as MULHERES.

MULHER 1: Será este o meu filho, deixado no convento das Mónicas, em 1960, antes da guerra, com a capa, a noite, a tatuagem da Guiné, metade de um aerograma, para o poder encontrar mais tarde?

MULHER 2: Será esta a minha filha, deixada na roda do mosteiro de São Bento, em 1973, antes da revolução, com a casa, a terra, o trabalho, metade de um cravo?

MULHER 3: Será esta a minha cria, deixada na roda da igreja da Trindade, em 1986, antes da Europa, com o mar, o carro, o tanque atestado, metade de uma chave?

MULHER 4: Será este o meu rebento, deixado na roda da igreja da Lapa, em 1999, antes do fim do mundo, com os saltos altos, a água de colónia e metade de um cartão dourado?

MULHER 5: Será esta a minha prole, deixada na roda do mosteiro do Salvador, em 2014, durante a austeridade, com a mala, o cinto, o passaporte e metade de uma dama de copas?

MARIA: Será ele o meu menino?

PÊRO MANCO: Tudo pronto? *Âncoras e Andorinhas*, de Egas, cena um: *Sonhos de Menino*.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Eu só quero saber uma coisa: o que é que faço às 40 caixas de champô cabelos-dourados-e-caracóis-soltos que tenho lá em casa? Vai tudo fora? Aquilo vale muito! Quem é que me ajuda a pagar!”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “João. Ouve uma coisa. Depois do concerto, vais ter dinheiro para criar a tua própria marca de champôs, se quiseres, João! Champô João das Neves! Champô das Neves! Queres melhor? Por isso é que só podemos tocar o que as pessoas querem ouvir! Tem que estar tudo pregado de olhos no palco até à última, a pedirem os *encores*, a gritar *bis*! E para conseguir isso, não é com música erudita que lá vais. Pimba!”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Mas pimba de qualidade!”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “Esse é o nosso conceito. Tem que ficar tudo a chorar por mais.”.

EGAS (como **JÚLIO**): “Ainda arranjas namorada, pá”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “É à hora que a carrinha chega, e é o álibi perfeito. Ninguém vai dar por ela. Quando eu começar o solo, vocês arrancam, pegam nas garrafas de água e saem como quem não quer a coisa. É assim que eles fazem nos concertos. Têm cinco minutos. A Esmeralda e eu entretemo-los”.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Tá bem! Eu só não compreendo porque é que a canção há de ser o *Sonhos de Menino*. Não acho bem. Parece que é o único artista que há neste país. Acho criminoso, ouviste? Criminoso!... O destaque e a divulgação que dão a esse...”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “E assaltar um banco não é

criminoso, também? Então deixa lá, não há de agravar muito a moldura penal”.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Olha, prefiro mil vezes, ouviste? Mil vezes assaltar o banco, do que tocar essa música! Por que é que há de ser essa?”.

TODOS: “Para as pessoas estarem atentas!”.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Ainda se fosse Marco Paulo...”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “Tem de ser uma música que a minha filha saiba cantar... Não a quero aqui nos ensaios com vocês! E tem de ser ela a cantar, para libertar o Júlio! Atenção. A Esmeralda não pode saber de nada, senão fica nervosa, ainda me desafina e é um vê se te avias! Nem ela nem a minha mulher! A mãe não há problema, que ela nunca abre a boca, nunca diz nada, há vinte anos que a conheço, mal me dirigiu a palavra. Mas nós vamos precisar dela. Vamos ensaiar a canção”.

Tocam Sonhos de Menino e seguem.

PÊRO MANCO: Cena dois... Vinte e Quatro Rosas!

BRANCA (como **ANITA**): “Foste tão cuidadoso com as gémeas... Elas nem um ai... Quer dizer, fartaram-se de suspirar, mas foi por tu as picares... E nem se mexiam... Quando lhes corto o cabelo não param quietas...”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “É só ir com jeitinho”.

BRANCA (como **ANITA**): “Não percebo como é que tu, que és tão sensível e observador, nunca reparaste na minha tatuagem... É por ser muito fora-de-moda, não é?”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “É porque a trazes escondida”.

BRANCA (como **ANITA**): “Já te pedi tantas vezes...”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Nunca me disseste onde está”.

BRANCA (como **ANITA**): “E se eu ta mostrar agora... Fazes qualquer coisa com ela?”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Hoje? Já não há tempo... O teu marido deve estar a chegar. Temos ensaio daqui a bocado”.

BRANCA (como **ANITA**): “Nem ao menos uma vista de olhos?”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Mostra lá”.

BRANCA (como **ANITA**): “Ai, cuidado, que me arrepias. Vou ficar com pele de galinha”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “O que é isto? Meia âncora e meia andorinha? Ahhh... Mas tu tens uma tatuagem tão linda... Esta âncora está muito bem feita...”.

BRANCA (como **ANITA**): “Quero uma por cima dela”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Tens que perceber... Eu não faço tatuagens *old school*. Não é o meu género. Mas admiro muito. E essa está tão perfeita...”.

BRANCA (como **ANITA**): “Não, eu preciso de mudar qualquer coisa nela... E há muito tempo que invejo as tuas clientes... Saem daqui tão lindas, tão satisfeitas...”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Sei lá o que é que ia tatuar em cima dessa âncora...”.

BRANCA (como **ANITA**): “Podias tatuar passarinhos, corações, rosas...”.

Cantam Vinte e Quatro Rosas em dueto e seguem.

PÊRO MANCO: Cena três... Vais Partir!

MANTEIGAS (como **MÃE**): “Mas ó filha, ele sempre cuidou de ti... Eu não gosto dele, nunca gostei. E até hoje está-me atravessada na garganta essa tatuagem horrorosa que ele te obrigou a fazer, ainda nem tinhas tu catorze anos, eras um anjinho, o meu anjinho... Mas quando vocês fugiram juntos, toda a gente sabia onde estavam, veio pai, veio mãe, vieram as tias todas dele, voltaram passado uns dias como era de costume. Eu disse logo ao teu pai, deus o tenha, este rapaz, Virgulino dos Anjos, foste tu que o mandaste, ele não é bom, não gosto dele, mas pelo menos faz as coisas como deve ser. Bom não é, mas faz bem o que faz. Só a tatuagem... Uma âncora feia e grossa... No meu anjinho, ainda nem tinha catorze anos... Eu quero lá saber que ele tenha andado no mar... O teu pai também, e nunca me obrigou a fazer uma dessas; também se me obrigasse... Han, han... O teu pai era um homem lindo. Ainda bem que não o conheceste, senão ias logo derreter-te toda. Tu também, não podes ver um par de calças. Isso é que era um homem, deus o tenha”.

BRANCA (como **ANITA**): “Já não dá, mãe, não consigo respirar, ele sufoca-me...”.

MANTEIGAS (como **MÃE**): “Sufocar, não sufoca, que eu não ouço nada”.

BRANCA (como **ANITA**): “A mãe devia dormir à noite”.

MANTEIGAS (como **MÃE**): “Eu... Já estou para velha, durmo depois. O teu problema é que ele não te abafa. Mas também, com as preocupações...”.

BRANCA (como **ANITA**): “E a banda, mãe, a banda... Aquilo é coisa de homem? *Sonhos de Menino?*”.

MANTEIGAS (como **MÃE**): “Cala-te lá. Nem sei o que veem nesse cantor essas mulheres todas. Não conheceram o meu Virgulino dos Anjos, deus o tenha, senão... Derretiam-se todas”.

PÊRO MANCO (*Interrompendo.*): Cena quatro... Felicidade! (*Como ZÉ MANEL*) “Mas hoje é o último dia, o dia do concerto, Anita. Tens que ir embora logo hoje? Espera mais umas horas. Amanhã volta tudo ao normal... Acabam-se os ensaios, já está, pronto... Não há outros concertos, juro. Com o dinheiro deste pagamos o que devemos ao banco...”.

BRANCA (*como ANITA*): “Já esperei demais, Zé. Há quantos dias não te ponho a vista em cima? Eu nem sei se o que tu andas a fazer na cave é ensaiar ou não. Por mim até podes andar a dormir fora de casa que eu nem sei. E as minhas coisas todas postas a um canto da garagem... Eu não aguento, eu sou uma mulher madura, na força da idade, quero trabalhar, quero fazer o que sei, ganhar a vida sem ficar a dever nada a ninguém...”.

PÊRO MANCO (*como ZÉ MANEL*): “Mas porquê hoje?”.

BRANCA (*como ANITA*): “Calhou hoje. A minha prima vai para a Suíça hoje. Tu já sabias, há um mês que te ando a tentar falar disso... Olha que se calhar podíamos ir com a minha prima, poupávamos o dinheiro da viagem. Ela já se ofereceu para nos ajudar...”.

PÊRO MANCO (*como ZÉ MANEL*): “Mas vamos depois, os dois”.

BRANCA (*como ANITA*): “Nós não temos dinheiro para a viagem! (*Pausa.*) E ela soube pelo patrão que estão a precisar de mais uma pessoa. Já lhe falou de mim. E o patrão dela é boa pessoa, ela está sempre a dizer”.

PÊRO MANCO (*como ZÉ MANEL*): “Eu peço dinheiro no banco para a viagem. Pelo menos para a viagem eles devem emprestar. Ou despeço-me, acerto as contas. Deve dar para nos aguentar”.

BRANCA (*como ANITA*): “Não! Isso é uma estupidez! Tu tens que te agarrar ao teu emprego. Vou eu à frente. Depois, tu...”.

PÊRO MANCO (*como ZÉ MANEL*): “E quando é que nos vamos voltar a ver?”.

BRANCA (como **ANITA**): “Não sei. Sei que vou. Vou. Tenho de ir”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “E quando voltas?”.

BRANCA (como **ANITA**): “Volto... Quando puder. Quando pudermos ser felizes”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**) *canta Felicidade. Seguem.*

PÊRO MANCO: Cena cinco... Maravilhoso Coração! O concerto. Isto vamos ter de mudar... (Como **ZÉ MANEL**) “E agora, para acabar, quero convidar para subir ao palco e cantar connosco esta canção... A minha joia, a minha pedra preciosa, que só perde para a mãe... A minha Esmeralda!”.

ÁGATA (como **ESMERALDA**): “Obrigada! Eu queria agradecer a todos a vossa presença e confessar-vos que esta é a noite mais feliz da minha vida, da minha curta vida, por poder não só ver em palco o meu pai, o meu irmão, o meu namorado e o meu padrinho... Mas também cantar para eles uma canção que, estou certa, a todos nos faz recordar os tempos em que fomos felizes...”.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Não é essa, é o Coração Maravilhoso!”.

ÁGATA (como **ESMERALDA**): “E de como os nossos corações precisam uns dos outros! (Começa a cantar Maravilhoso Coração, mas desafina e interrompe.) Podem subir o tom?”.

EGAS (como **JÚLIO**): “Pai... As pessoas estão a ir embora... E ainda nem chegamos ao solo...”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Devíamos ter cantado a outra...”.

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Não olhes assim para mim. Ela é que está a desafinar!”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “Eu vou ajudá-la. Continuem.

(Avança para cantar com **ÁGATA**. Abre a camisa, revelando a outra metade da tatuagem.) Eu queria agora cantar um inédito original que compus em homenagem à mulher mais bonita deste baile, desta terra, do mundo inteiro! Anita! Aconteça o que acontecer, vou contigo! Chama-se Coração Tatuado. (Canta.) «Estás presa no meu peito / qual deusa encarnada / Eu deixei, agora aceito / que sejas só desenhada...»

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Bela tatuagem... É a metade da tatuagem da Anita...”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**, canta.): «Eu dantes era selvagem / mas fui domesticado / domado pela tua imagem / o coração tatuado...» (Em surdina, para os outros.) Avancem, avancem... A carrinha deve estar a chegar.... Pensem na caixa multibanco cheia de dinheirinho... Vá, vá, vão! (**EGAS**, **VILHEMINA** e **TAGANA** saem discretamente. **PÊRO MANCO** canta.) «Chega-te à minha beira / (na vida real, não na peça) / Verás como é verdadeira / A flecha que me atravessa... / A fortuna anda à roda / O amor vai e vem / Mesmo fora de moda / Essa tatoo fica bem... / Não é sereia, serpente / Andorinha, âncora, arpão / É a tatuagem que sente / No meu, o teu coração!...»”.

EGAS (como **JÚLIO**) regressa com **VILHEMINA** (como **JOÃO**) e **TAGANA** (como **JOAQUIM**), carregados.

EGAS (como **JÚLIO**): “Vamos!”.

MARIA: Espera, filho, leva isto contigo! (Entrega-lhe metade de uma foto recortada).

VILHEMINA (como **JOÃO**): “Rápido!”.

TAGANA (como **JOAQUIM**): “Corram!”.

ÁGATA (como **ESMERALDA**): “Eu estrago sempre tudo...”.

PÊRO MANCO (como **ZÉ MANEL**): “Deixa, filha, é melhor cantar mal

do que chorar bem. Olha, tu também vens para a Suíça!”.

**MANTEIGAS, BRANCA, EGAS, VILHEMINA, TAGANA,
ÁGATA e PÊRO MANCO saem a correr. Entra a MADRE com o
PADRE.**

MADRE: Para onde é que eles foram?!

MARIA: Não vi ninguém.

PADRE: Arrombaram o cofre-forte! Roubaram o tesouro do mosteiro!
Os fundos europeios! Até levaram a caixa de esmolas!



O caminho das pedras


JORGE PALINHOS

“Porém, Jesus olhou bem nos olhos de cada pessoa e indagou: «Então, qual é o significado do que está escrito: ‘A pedra que os construtores rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra angular’?»” (Lc 20, 17)

“Ao longe todos são pedras”.

In Beatriz Hierro Lopes – *É quase noite*, 2013.

Entrem, entrem. Um a um, lado a lado, como as pedras que têm debaixo dos pés. Entrem. Um a um, lado a lado.

Estas pedras são feitas de corpos. Guardam o rasto de suor de pele, sangue das mãos, saliva das bocas. Estas pedras que sustentam os pés já quebraram ossos, já esmagaram dedos, racharam cabeças e esface-laram pernas e braços. A pedra angular é uma arma de destruição de massas.

Avancem. Uma pedra de cada vez, um dia de cada vez, uma vida de cada vez.

Pisar pedras é o privilégio dos reis, dos sacerdotes, dos governantes, dos turistas, dos sobreviventes, de todos os que vivem entre um mundo e outro. Mais um passo. Gozem do privilégio que vos é dado. Não se sabe quando o podem perder.

Quando se perde esse privilégio, só se pode riscar as pedras, deixar-lhes traços, nomes, declarações de amor. Esta declaração foi de um rapaz que arreplava o cabelo para esconder a clareira que lhe crescia no crânio. Sentado à mesa de um café, na rua da estrada. Cruzou olhares para uma mesa onde quatro mulheres estavam sentadas. Uma era alta, muito alta, de rosto anguloso, como pedra cortada, e olhos redondos e brancos como pires. A mulher devolvia-lhe o olhar, os sorrisos. Ele ficou ali sentado até elas saírem, incapaz de lhes falar. Depois seguiu-as de carro. Uma estrada após a outra, torcendo cada curva e cada esquina. Perdeu-lhes o rasto na rotunda aqui à entrada. E para aqui ficou, a vadiar pelas ruas, pela igreja, à procura de consolo nas pedras. E a largar pelas pedras o nome que tinha inventado para ela: Rute. Tinha pensado chamar-lhe Olhos Brancos, Mulher Garça, Deusa na Terra. Mas uma mulher testemunhada precisa de nome. E ele percebeu que só Rute lhe dava a ausência dolorosa de uma figura bíblica. Depois foi-se embora levando a ideia da mulher que nunca seria sua. Pisa esta pedra, se desejaes manter esta memória. Sim, pisem, se quiserem, se assim o escolherem.

A memória é uma pedra de coração obscuro e pele cicatrizada. E nesta

pedra cabia uma estátua. Foi retalhada do coração da terra por um homem baixo e calvo, de mãos grandes e duras como a própria pedra. O homem queria fazer da pedra estátua. A sua estátua. O homem nunca fez nada de notável na vida, nunca foi santo, herói, mártir, nunca foi lembrado. Nem mesmo fez a estátua. Mas queria fazer uma estátua de si próprio, convicto de que seria a sua imortalidade. Só as pedras são imortais, só as memórias são eternas, mesmo que as pedras se partam e deformem, mesmo que as memórias sejam falsas. E o homem baixo e calvo não se importava de ser falso, desde que fosse imortal. A verdade é a flor de um dia e a eternidade um penedo negro a olhar o mar. E esse homem baixo e calvo, de mãos duras, não conseguiu ser uma coisa ou outra. Avancem um passo se quiserem guardar a memória da estátua de um homem esquecido.

Esta pedra esborrachou as crias de uma gata. Era uma gata de pelo dourado e lombo arqueado. Olhou os filhotes ensanguentados, lambeu-os um a um e afastou-se de costas, num passo ondulante, sem mais se voltar. Deem um passo se quiserem fazer parte desta história. Ou mesmo mudá-la.

E esta pedra... Esta pedra partiu loiça. Uma mulher baixa e de ancas largas, que lhe davam ao corpo a forma de papagaio de papel, esteve sobre ela e deixou-lhe cair pratos de sopa e sobremesa, um a um sobre a superfície dura, vendo estalar-lhes as bordas ou fender-se a porcelana a toda a largura. Estava calma, a mulher, fora o ódio frio que lhe estremecia as mãos. Era uma bela mulher a quem fios de neve começavam a riscar o cabelo. Foi aqui que se casou, foi aqui que partiu o que lhe restava do casamento quando o casamento chegou ao fim. Depois da loiça partida e do casamento partido, ela continuou a ver o marido, mas o marido já não lhe era marido, já não lhe era companheiro, já não lhe era homem. Já não lhe era nada a não ser uma lembrança afiada como um espinho de rosa. Ela conheceu outros homens, apaixonou-se tristemente, mas viveu na solidão dos braços até ao fim da vida. Pisem esta pedra se desejarem que esta história fosse diferente.

Nesta pedra tão irregular chorou uma rapariga de cabelos longos e li-

sos como fios de milho. O seu grupo seguia lá à frente, tal como

seguira no autocarro escolar. Ela, no fundo do autocarro, entre rapazes, cantara e rira até que um deles, de pele morena e uma linha escura a brotar sobre os lábios, a agarrou e beijou. Disse-lhe palavras mansas que a consolaram, lhe deram o calor de não estar só e vazia. E entre os abraços e os beijos e os risos dos outros rapazes entrou no corpo dela enquanto ela murmurava que não, que não, que não, a sentir-se a mais só, a mais desprezível, a mais vazia de todas as pessoas do mundo. E aqui dentro o corpo desabou-lhe sobre esta pedra, longe da vista e longe dos ouvidos. A turma avançava, virava-lhe costas, e ela, abrigada, chorava sobre a rocha, a sentir as mãos ásperas, os joelhos feridos. Levantou-se quando uma professora chamou ao longe e regressou na parte da frente do autocarro, onde ela passou a andar sempre e sempre, enquanto os rapazes do fundo do autocarro continuavam a sussurrar e a rir, todos menos um. Dá um passo adiante para esta pedra se quiseres mudar esta memória.

Sobre esta pedra, mais lisa do que as outras, mancou um coxo. Um coxo moreno e ossudo, a quem chamavam Manquinho. Vivía de cavar terras que não lhe pertenciam e fazer florir árvores cujos frutos não lhe tocava. Não tinha terra que lhe pertencesse, família que lhe pertencesse, amigos que lhe pertencessem. E assim, duas vezes por semana, coxeava até esta pedra gasta e sentia que ela lhe pertencia. Que ela o elevava e o fazia voar para a luz enquanto ele abria a boca e cantava e era parte de todos e de tudo. E todos os outros dias ele era só ele próprio, pequenino, escondido entre as folhagens das macieiras e dos diospireiros. As árvores que tinha eram por empréstimo, mas esta era a pedra onde ele se mostrava e levantava os olhos ao alto e era família e amante e coração e todos os que o rodeavam. Dá um passo em frente se quiseres fazer parte desta história. Ou talvez mudá-la.

Nesta pedra rezou uma mulher. De saia comprida preta, dobrada sob os joelhos, de mãos postas ao peito, queixo achatado sobre os dedos tensos, rezava com todo o fervor que podia para que Deus lhe matasse o marido. De olhos azulados, de queimaduras nos braços, de escoriações no peito e no estômago, apertava as mãos e pedia: Senhor meu

Deus, dai-me a graça de o meu marido morrer depressa e com dor. E se o meu pedido não for atendido, que deixe um dia de beber. Um dia que venha depressa. Mas o marido não morreu e não deixou de beber, e um dia ela fugiu de casa vestindo apenas uma saia florida e um soutien branco. Correu dois mil metros até encontrar a casa de almas caridosas e amigas, viveu dez dias até o marido a matar a tiros de caçadeira, ao mesmo tempo que gritava que sem ela não poderia viver. Depois, tentou ele próprio matar-se, mas as mãos foram-lhe mais nervosas e os dedos mais fracos. Não conseguiu, e ainda hoje vive num casebre escuro entre matilhas de cães sujos e selvagens que alimenta a ossos e a lixo. Dá um passo adiante se gostarias de moldar esta pedra, mudar esta história.

Nesta pedra, suavemente côncava, um homem girava três vezes para a esquerda e três vezes para a direita, levantava a cabeça até a boca conseguir beijar o céu e implorava para ganhar a lotaria. Uma vez por semana, durante quinhentas e cinquenta e três semanas. Uma semana aconteceu, ganhou o Euromilhões. E não voltou mais aqui. Ganhou casas, ganhou carros, ganhou amigos, perdeu a mulher de olhos mansos com quem adormecia de mão dada há doze anos e os três filhos cujos nomes começavam por pê. Hoje, não se lembra mais desta pedra, não se lembra mais dessa família, não tem a certeza se era mais feliz antes ou depois do prémio. Mas continua a viver, sem ter a certeza se é o mesmo ou não. Dá um passo em frente se quiseres estar dentro desta história para a lembrar ou mudar.

Esta pedra era limpa por uma mulher. Uma mulher baixa, de olhos vincados e lábios vincados e mãos encolhidas. Vivia sozinha, como sempre tinha vivido. E estas pedras eram a sua companhia, o seu amor. Limpava-as, lavava-as, por vezes derramava nelas perfumes e odores para ver as pessoas sorrirem ou surpreenderem-se ao pisá-las. Todas as manhãs entrava aqui e rezava, todas as noites entrava aqui e limpava. E a chave da porta por onde entraram andava-lhe sempre no peito, com o metal frio a rolar-lhe sobre a pele e sobre o coração, a aquecer as mãos das pessoas a quem ela entregava temerosamente a chave, com o ciúme dos amantes, com o orgulho das rainhas. Era baixa e era gorda e o cabelo cuidadosamente arranjado mal lhe tapava o

pescoço e a pústula que lhe chocalhava no lado da garganta: chamava-lhe “Camela” e nunca teve outro amor que não o desta igreja, outro calor que não o ardor das pedras quando as esfregava. Dá um passo em frente se quiseres mudar esta história, ou não deixar que esta se perca.

Sobre esta pedra acotovelaram-se crianças e um adulto. Um homem de calções e barbicha cinza colocava aqui um banco, subia para cima deste e gritava instruções para o seu grupo de escuteiros todos os fins de semana, antes de partirem de carro e de comboio a descobrir outros lugares. Exploraram casas abandonadas, castelos, rios perdidos, igrejas distantes como esta. E encontraram clareiras, penedos com vistas intermináveis e vales esquecidos. E um dia ao voltarem, ao cruzarem uma estrada já cansados, foram encadeados por uma luz que assobiava como um vendaval. O homem correu, agarrou o último da fila, protegeu-o com o corpo, deixou-se ser atingido pelo carro que chegava a voar. O rapaz que abraçara durante o impacto sobreviveu. O homem também. Perdeu o uso dos braços e das pernas, e agora vê da varanda os escuteiros partir, que lhe acenam e sorriem de longe, mesmo que o escuteiro que salvou já não seja escuteiro, e já não lhe saiba o nome. Dá um passo em frente se quiseres mudar esta história.

Nesta pedra, nesta última pedra, rezou uma vez um rapaz. Confessou-se além, aos joelhos de um sacerdote calvo e rúbeo. Confessou ter dito palavrões, ter tido zangas, ter desrespeitado pai e mãe, ter sido egoísta, ter sido mais guloso com os bolos do que devia. Não confessou ter aconchegado as mãos à onda de calor e humidade que por vezes lhe ocorria no centro do corpo, a meio da noite, não confessou ter roubado um comboio que andava sozinho e puxava carruagens. E aqui de joelhos rezou 10 padres-nossos e 5 ave-marias com toda a força que tinha. Depois foi às arrecuas até àquela porta, e saiu da igreja por aquela porta a correr, a voar, de braços abertos, a sentir que a vida estava a começar outra vez, e que algo mau, algo escuro, tinha ficado nesta pedra, à espera de desaparecer nela. Dá um passo se quiseres fazer parte desta história.

Se não quiseres, não faz mal. Basta que te vires para trás. Vê as pedras que atravessaste. E agora para a frente, e vê as pedras que não quiseste

pisar, que não te importaram, que talvez te tenham arrepiado.

E aos poucos sai. Devagar, sai. Vai de cabeça baixa, para não desrespeitar as pedras, ou vai de braços abertos, de volta ao sol, deixando as pedras na escuridão aqui de dentro, as memórias aqui de dentro, as pedras esquecidas e gastas de todos os mortos, de todas as sombras, de todas as derrotas.

Quando estiveres longe, muito longe, olha, de longe, as pedras.

A Santa

MARTA FREITAS

Personagens

SOLDADO 1
SOLDADO 2
SOLDADO 3
MULHER

No meio da guerra. Num lugar qualquer onde a religião separou as gentes. Três soldados surgem do meio das cinzas. Um deles está gravemente ferido.

SOLDADO 1: Está ali uma igreja! Vamos entrar!

SOLDADO 2: Não quero morrer...

SOLDADO 3: Cala-te! Não digas essa palavra!

SOLDADO 1: Não quero morrer...

SOLDADO 3: Ouve, meu filho da mãe, se voltares a falar de..., de medo de..., ou de outra coisa qualquer associada a essa escuridão, garanto-te que te deixamos para trás. Não falamos *disso* aqui. Porque *isso* está à nossa volta. E quanto mais chamarmos por *isso*, mais *isso* nos pode engolir. Entra antes que nos vejamos.

Os TRÊS SOLDADOS entram numa igreja parcialmente destruída. Os sons da guerra estão agora mais distantes.

SOLDADO 2: Está frio...

SOLDADO 1: Encosta-te a mim.

O **SOLDADO 1** deita-se no colo do **SOLDADO 2**.

SOLDADO 2: Tenho frio...

SOLDADO 3: Isso é porque estás a sangrar como um porco. Nunca encostaste a faca à garganta de um porco? Esguicha por todo o lado. Como se o sangue estivesse a pulsar no interior do corpo do animal. Foi isso que te aconteceu. Espetaram-te uma bala. Queriam abater-te, como se abatem os animais.

SOLDADO 2: Os porcos não têm frio, pois não...?

SOLDADO 1: O frio vai passar...

SOLDADO 3: Não lhe mintas! Esse frio não passa!

SOLDADO 2: Estou a sangrar como um porco...?

SOLDADO 1 (*Para o SOLDADO 3*): Vai procurar alguma coisa para ajudar a parar o sangue.

SOLDADO 3: Vou é procurar uma maneira de sairmos daqui.

SOLDADO 2: Não nos deixes aqui sozinhos... Não quero morrer...

SOLDADO 3: Só te vou avisar mais uma vez: se voltas a dizer essa palavra deixamos-te aqui a sangrar até estares vazio. Os cães gostam de porco. E há cães famintos lá fora. Hão de gostar do teu sangue.

O **SOLDADO 3** *afasta-se.*

SOLDADO 2: Não nos deixes sozinhos... Não quero morrer sozinho... Não sou um porco... Sangro como um porco... (*Pausa. Num anúncio de delírio.*) Em miúdo ajudei a matar um porco. O porco chorava e as crianças riam. Eu ria-me com o sofrimento do porco. Os olhos do porco imploravam para que parássemos. O porco chorava alto, como as crianças choram pela mãe. A minha mãe nunca mais me vai ver. O filho... O porco dela... O filho dela vai ser comido por cães famintos...

SOLDADO 1: Chiuuu... Acalma-te. Não estamos sozinhos... Vês, ali ao fundo...? Há pedaços de uma Santa. Não estamos sozinhos. A Santa está connosco, está a olhar por nós. A cabeça dela ficou inteira, vês? Apenas o seu corpo foi despedaçado. Parece que lhe bateram... Partiram várias partes do seu corpo com a força bruta da violência. Mas a Santa está a sorrir. Sorri porque nós chegámos. E porque não foram as nossas bombas que destruíram a casa dela. Foram as bombas dos inimigos. E ela sabe isso. Ela sabe que nós nunca destruiríamos o que é nosso. O que vela por nós. Apesar de despedaçada, ela ainda resiste. É a única Santa que sorri neste resto de igreja.

Silêncio seguido de sons da guerra. O SOLDADO 2 grita. Novo

silêncio. O SOLDADO 3 aparece. Traz um pano de altar na mão.

SOLDADO 3 *(Para o SOLDADO 1):* Ali ao fundo há uma saída. Ele não vai poder vir. Não está em condições. *(Entrega o pano de altar ao SOLDADO 2)* Encontrei isto.

O SOLDADO 1 levanta a camisola do SOLDADO 2 e coloca-lhe o pano sobre a ferida.

SOLDADO 1: Não o podemos deixar. Não é nenhum animal.

SOLDADO 2: Sou um porco. Não sinto muitas dores...

SOLDADO 1: Não te dói...?

SOLDADO 2: Dói-me o frio... *(Pausa.)* Que cara é essa? Estou assim tão mal?

SOLDADO 3: Ouviram isto? *(Silêncio.)* Quem é que está aí?

SOLDADO 1: Não te preocupes... Há de chegar alguém para nos ajudar.

SOLDADO 2: Sabes bem que ninguém vai chegar... Estão todos mortos.

SOLDADO 3: Cala-te com essa palavra! *(Silêncio.)* Quem é que está aí?

SOLDADO 1: Os outros vão aparecer... Só temos de esperar...

SOLDADO 2: Estou a morrer, não estou?

SOLDADO 1: Já não devem demorar...

SOLDADO 2: Não precisas de mentir... Sinto frio...

SOLDADO 1: Abre os olhos! Mantém-te desperto!

SOLDADO 3: O que é aquilo?

SOLDADO 1: O quê?

SOLDADO 3: Está ali alguém. Ali ao fundo, a olhar para nós...

SOLDADO 1: É só uma Santa.

SOLDADO 3: Quem é que está aí? Pode ajudar-nos?

SOLDADO 1: É só uma Santa despedaçada.

SOLDADO 2: Vem buscar-nos.

SOLDADO 1: Cala-te cabrão! Quem é que está aí? Pode ajudar-nos?

Silêncio.

SOLDADO 2: Parece-me aquela mulher...

SOLDADO 1: Que mulher? É só uma estátua. É uma Santa.

SOLDADO 3: Que mulher? Fala!

SOLDADO 2: A mulher que encontrámos naquela oficina...

SOLDADO 1: A mulher que matámos na oficina?!

SOLDADO 3: Não repitas essa palavra cabrão!

SOLDADO 2: Pois é... A Santa é a mulher que matámos depois de a termos...

SOLDADO 3: Calem-se! Quem é que está aí?

SOLDADO 2: Ela não para de olhar para nós...

SOLDADO 1 (*Na direção do vulto.*): Desculpa... Nós não queríamos... Nós não te queríamos ter feito mal. Estávamos desesperados... São

muitos meses sem ninguém... O teu corpo estava ali... Achávamos que nos desejavas... Disseram-nos que vocês desejam os soldados que aqui chegam...

SOLDADO 2: O frio está a passar. Isto é morrer?

SOLDADO 3: Cala-te com isso! É só uma Santa!

SOLDADO 1 (*Continuando na direção do vulto.*): Desculpa-nos.

SOLDADO 2 (*Na direção do vulto.*): Não temos desculpa. Mata-nos. Estou a sangrar como um porco. Mata-me.

SOLDADO 3: Porra...

Sons de cães.

SOLDADO 1 (*Na direção do vulto.*): Nós não queríamos... Somos soldados. É a guerra que nos transforma. Deixa-nos em paz, por favor...

SOLDADO 2: Vem rodeada de cães.

SOLDADO 3 (*Na direção do vulto.*): Por favor... Deixa-nos em paz...

Os sons dos cães misturam-se com os sons da guerra.

SOLDADO 2: Já não sinto frio... Não sinto nada... Quero que a Santa me leve.

SOLDADO 1: Abre os olhos. Abre os olhos... Eles hão de chegar... Aguenta. (*Na direção do vulto.*) Manda os cães embora!

SOLDADO 2 (*Para o SOLDADO 3*): Tinhas razão. Cheira-lhes a porco.

SOLDADO 3: Estamos a enlouquecer. É só isso...

SOLDADO 2: Ela está mais bonita agora. Já repararam como é bonita?

SOLDADO 1: Não me parecia tão bonita, quando a encontramos na oficina...

SOLDADO 2: Está despedaçada. Como a Santa.

SOLDADO 1: Partimos várias partes do seu corpo com a força bruta da violência.

SOLDADO 2: Ainda assim ela consegue sorrir.

SOLDADO 1: Como a Santa despedaçada sorri.

SOLDADO 3: Parem de falar! Ela não existe! Nós demos cabo dela! *(Na direção do vulto.)* Ouviste? Nós acabámos contigo naquela oficina. Tu não podes estar aqui. Tu já não respiravas quando te deixámos estendida por cima daquela mesa. Eu próprio verifiquei.

SOLDADO 2: Está bonito o céu. É a primeira vez que observo a beleza deste céu... A bomba deve ter caído mesmo em cima da igreja. Só sobraram as paredes. Já não há teto. Apenas céu. Todas as almas aqui guardadas, durante séculos, foram libertadas em direção ao céu.

SOLDADO 3 *(Para o SOLDADO 1):* Manda-o calar. Por favor... Ele que se cale...

SOLDADO 1 *(Na direção do vulto.):* Ouve... Peço-te que mandes os cães embora...

Silêncio.

MULHER: Os cães têm fome.

SOLDADO 3 *(A chorar.):* Por favor...

MULHER: Desde que vocês vieram para cá que os cães não têm o que comer.

SOLDADO 1: Isto é um lugar sagrado... Manda os cães embora, por favor...

MULHER: É a guerra que os transforma.

SOLDADO 3: Por favor...

MULHER: O céu está brilhante.

SOLDADO 2: Está pronto para nos receber...

MULHER: Os cães estão famintos. Já não comem faz dias.

SOLDADO 1: Não deixes que nos devorem...

SOLDADO 2: Estão a sorrir os cães... Como a Santa sorri.

MULHER: Querem sangue. Como vocês.

SOLDADO 3: Nós não queremos sangue... Apenas nos defendemos... A guerra não é uma escolha nossa...

SOLDADO 2: Mas o encontro na oficina foi uma escolha nossa...

SOLDADO 3: Cala-te ou dou cabo de ti.

SOLDADO 1: Não será preciso... Os cães vão dar cabo de nós...

SOLDADO 2: Vão comer o porco.

MULHER: Vão beber o sangue que vocês derramaram.

SOLDADO 2: O sangue do porco é doce. Os cães gostam de sangue de porco.

SOLDADO 3: Ele não é um porco. Somos todos Homens. Como tu és uma mulher. Os cães não gostam de Homens.

MULHER: Eu também não sou uma mulher. Sou uma Santa.

Sons de cães a devorar os soldados.



Apontamentos para uma nova área

MICKAËL DE OLIVEIRA

Personagens

ÁGATA
CARLOS
FRANCISCO
SIMÃO
PEDRO

Um grupo de crianças saltou a vedação da escola. Correm para um recinto religioso, antigo e com ar abandonado. Tudo indica que estamos perante uma igreja.

ÁGATA: Aqui estamos bem.

CARLOS: Mas aquilo não está aqui.

ÁGATA: Vocês têm pressa?

CARLOS: Não, mas aquilo não está aqui.

FRANCISCO: Não, só temos aula daqui a duas horas.

SIMÃO: Vais ter aula de quê?

FRANCISCO: De religião e moral.

ÁGATA: Temos tempo. Duas horas neste sítio é uma eternidade.

CARLOS *desafia* **FRANCISCO**.

FRANCISCO: Para com isso. Pareces uma criança. E aquilo que tu me fizeste há bocado, no recreio, não se faz.

CARLOS: Vais contar aos paizinhos, é?

FRANCISCO: Não, não te preocupes, não vou contar nada ao meu pai. Ele nem sequer te vai fazer uma espera à porta da escola para te dar um beijo.

CARLOS: Tu queres que conte aos teus pais que tentaste beijar a minha irmã?

ÁGATA: Parem com isso.

CARLOS: Foi ele.

FRANCISCO: Não, fui eu.

SIMÃO: O que é que querem fazer?

FRANCISCO: Construir uma cabana?

SIMÃO: Vês madeira por aí?

FRANCISCO: Nas árvores.

SIMÃO: E no chão?

FRANCISCO: Não.

SIMÃO: Tens uma serra elétrica na mochila? (*Pausa.*) Então cala-te.

FRANCISCO: Tenho, tenho, utilizei-a mesmo há pouco para cortar a tua mãe às fatias.

ÁGATA: Idiotas.

CARLOS: Então o que é que fazemos, têm ideias?

FRANCISCO (*Abre a mochila, saca do estojo.*): Acho que podíamos cheirar cola. Trouxe dois tubos de casa. Os meus pais perguntaram-me para que era tanta cola. Disse-lhes que tínhamos de preparar as prendas para a festa dos pais.

SIMÃO (*Em tom jocoso.*): Eu acho que podíamos cheirar flores. Trouxe rosas do meu jardim. Os meus pais perguntaram-me para que era tanta flor. Disse-lhes que tínhamos de preparar veneno para efetuarmos testes em animais para a aula de estudo do meio.

ÁGATA: Então precisamos de um isqueiro.

SIMÃO: Eu tenho.

ÁGATA: Tu fumas?

SIMÃO: Já temos idade, não?

FRANCISCO: E o que é que tu não fumas?

SIMÃO: Fumo coisas que tu não fumas, coisas de adulto.

FRANCISCO: No verão passado, fumei chá verde com o meu primo. Montámos uma tenda no jardim da nossa casa e convidámos amigos. Tocámos guitarra e fumamos chá. O meu amigo vomitou-se todo. Depois, usámos o chá para fazer uma infusão (*Ri-se.*).

SIMÃO: És bué de rebelde tu.

FRANCISCO: Sou aquilo que tu não és.

SIMÃO: É o que a tua mãe me diz quando estou a comê-la.

FRANCISCO ataca **SIMÃO**, mas são imediatamente separados pelo grupo.

ÁGATA: Se isto continua assim, vou-me embora e deixo-vos aqui.

CARLOS: Não, não te vás embora. Se tu fores, eu também vou. És a mais velha, não confio nos outros.

SIMÃO: Ok, ok. Está a escurecer. Que tal olharmos para o céu? (**PEDRO** deita-se rapidamente, todos ficam de pé a olhar para ele e **SIMÃO** diz-lhe.) Vê se encontras um ovni. A janela do meu quarto é uma claraboia e fico a olhar para o céu a noite toda. Na semana passada vi um ovni. Eu sabia que existiam.

CARLOS: O que é uma claraboia?

SIMÃO: És mesmo burro, tu. Ágata, explica-lhe.

ÁGATA: É uma janela, só que está colada ao teto.

SIMÃO: Já viram um ovni vocês?

FRANCISCO: Vi um ovni ontem, enquanto estava a comer a tua mãe.

ÁGATA: Já chega. Deixem as vossas mães em paz.

FRANCISCO: Sabes lá o que é um ovni. Eu li tudo o que havia sobre a Área 51. E só agora é que os políticos falam disso.

SIMÃO: E por acaso conheces tudo sobre o Caso Roswell? Eu sim. Comprei uma cassete e eles têm lá o filme em que faziam a autópsia a um extraterrestre. Os especialistas dizem que são como nós. Têm uma cabeça enorme, olhos grandes, um nariz pequeno. O corpo parece o de um anão.

FRANCISCO: Não é nada parecido contigo.

SIMÃO: Vai à merda. Estamos a falar de coisas sérias.

CARLOS: Eu nunca vi.

SIMÃO: E o que viram que mais vos assustou?

CARLOS: Eu vi foi um espírito lá em casa.

ÁGATA: E não vale dizer que é a mãe ou o pai dele.

CARLOS: A sério, vi mesmo. Depois fui à biblioteca municipal e procurei artigos de jornal sobre os espíritos. E sabem onde há mais espíritos? É na América, onde há pena de morte. Dizem que as prisões estão cheias deles.

PEDRO: Eu quero ficar.

FRANCISCO: Quem és tu para te queres ir embora ou ficar? E

alguém te chamou para vires connosco?

CARLOS: É verdade, ninguém te disse para vires. Que idade é que tu tens?

ÁGATA: Fui eu que lhe disse para vir. Gajos, gajos. Parecem uns cães a mijar no território. Deixem o rapaz em paz.

SIMÃO: É o teu namorado?

ÁGATA: É sim. Qual é o problema?

CARLOS: Nenhum. Mas é estranho.

ÁGATA: Estranho porquê?

CARLOS: Porque ele é...

ÁGATA: É o quê?

SIMÃO: É um miúdo. Tu tens 13 anos, ele deve ter 6. O teu próximo namorado vai ser um embrião?

PEDRO: Um embrião é a forma humana mais primitiva.

CARLOS: Que estupidez.

ÁGATA: Nós amamo-nos.

SIMÃO: E preservativo?

CARLOS: Que pergunta parva, ele ainda não tem esperma.

ÁGATA: Pedro, queres ir embora?

PEDRO *começa a rir-se.*

FRANCISCO: Não veem que está a ficar escuro. Ou vamos todos, ou ficamos todos.

ÁGATA: Então vamos todos.

CARLOS: Nem pensar. Nós viemos aqui com um objetivo. E ainda não chegámos lá.

ÁGATA: Querem ficar quanto tempo?

SIMÃO: Meia hora e vamos todos.

ÁGATA: Pode ser, Pedro?

PEDRO (*Tímido.*): Não.

FRANCISCO: Sabem onde nós estamos?

SIMÃO: É o sítio da missa.

CARLOS: É uma igreja. Sabem quantos cadáveres eles têm aqui?

FRANCISCO: Parece a ponte do Arco de Pombeiro.

SIMÃO: O professor disse que isto era romano.

PEDRO: É romano, sim.

SIMÃO: Também parece uma coisa medieval.

ÁGATA: Para ti, tudo o que tem mais do que a tua idade é medieval.

PEDRO: Na Idade Média, quando as pessoas sobreviviam à peste negra, eram curadas aqui, neste chão.

CARLOS: Tens medo, Pedro?

PEDRO: De quê?

CARLOS: Do desconhecido.

PEDRO *não responde.*

Então agora vamos para o sítio que tem o nosso segredo.

Organização

Rota do Românico | Palcos do Românico

Coordenação Geral

Rosário Correia Machado

Direção Artística

Mundo Razoável

Design

SimpleFormsDesignStudio

Pré impressão

Luis Sousa Comunicação

Impressão

Luis Sousa Comunicação
Communication Agency

Tiragem

1000 exemplares

Edição

Dezembro de 2014

ISBN

978-989-99331-7-0

Depósito Legal

408331/16



App da Rota do Românico



ROTA DO ROMÂNICO

©Rota do Românico

Praça D. António Meireles, 45
4620 - 130 Lousada
Portugal

www.rotadoromanico.com
rotadoromanico@valsousa.pt

produção



CÃO DANADO

parceiros

TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL

portoenorte TEM

TRANSROMANICA
The Romanesque Routes of European Heritage

parceiro de media



cofinanciamento



O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

